

**Pedro Filipe Rodrigues Vieira**

**Igreja de São Tiago, em Montemor-o-Novo.  
Uma desconstrução teórica para uma reabilitação prática.**

**Orientador: Prof. Doutor Virgolino Ferreira Jorge**

**Dissertação de Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico  
apresentada à Universidade de Évora**

**Évora, Fevereiro de 2011**

## **Agradecimentos**

A apresentação deste trabalho nunca teria sido possível sem o contributo de diversas pessoas e entidades, a quem desejo expressar o meu sincero reconhecimento.

Começo naturalmente por me dirigir à minha família, pelo apoio, força e incentivo dados ao longo dos últimos 38 anos e que me permitiram atingir gradualmente este patamar.

Uma palavra de gratidão é também devida à Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, e aos seus executivos, que me abriram todas as portas, assim como aos colegas que me ajudaram na recolha de elementos, com relevo para a Dr.<sup>a</sup> Manuela Pereira e para o Dr. Jorge Fonseca.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Virgolino Ferreira Jorge, pelo seu saber e rigor, pelo apoio incondicional que sempre me concedeu e pela força incansável que me transmitiu para levar este projecto até ao fim.

Aos professores e aos colegas, pelo enriquecimento e estímulo que me proporcionaram ao longo deste Curso de Mestrado.

Finalmente, aos amigos (eles sabem quem são!) que me apoiaram e mantiveram em alta os meus níveis de confiança.

A todos, o meu Obrigado!

## **Resumo**

A igreja de São Tiago é um dos monumentos localizados no recinto do castelo de Montemor-o-Novo. Durante cerca de sete séculos foi sujeita a várias alterações, quer pela intervenção do homem, quer pelas acções biofísicas, cujos testemunhos se encontram gravados nas próprias paredes ou em documentos históricos.

No ano de 2006, o edifício sofreu uma profunda transformação, tendo a sua reabilitação visado a futura criação no local do Centro Interpretativo do Castelo. Fez-se o diagnóstico de quais teriam sido os factores responsáveis para o seu estado de degradação. Assim, foram levados em consideração a sua história, o enquadramento paisagístico, as intervenções realizadas, os materiais de construção e até a própria inércia perante o seu iminente colapso.

Depois foi feita uma análise crítica às obras realizadas e à dicotomia entre o intervir ou abandonar.

Esta dissertação pretende ser um contributo para a salvaguarda e valorização do património histórico e cultural de Montemor-o-Novo.

## **Abstract**

### **Church of São Tiago in Montemor-o-Novo. A theoretical deconstruction for a practical rehabilitation**

The Church of São Tiago, one of the monuments existing inside the castle of Montemor-o-Novo, has undergone, for about seven centuries, several changes either by human intervention or by actions that resulted from biophysical influence, being these testimonies recorded on their own walls or in ancient documents with records about the temple.

In 2006 the building has suffered a profound transformation and rehabilitation having in mind its future purpose: to give place to the Castle Interpretative Centre. A diagnosis was made in order to find out the factors responsible for its present state of degradation. Thus, several factors were taken into account: history, landscape, interventions, building materials and even the inactivity before the imminent collapse. Then was made a critical analysis of the works which have been carried out and even of the dichotomy between the need of a practical rehabilitation and a never-ending degradation.

The present dissertation intends to be a contribution to the protection and enrichment of Historical and Cultural Heritage of Montemor-o-Novo.

## Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	2
<b>Resumo</b> .....	3
<b>Abstract</b> .....	4
<b>Índice</b> .....	5
<b>Introdução</b> .....	7
<b>1ª PARTE: Análise do Edifício</b> .....	10
<b>1.1 - Situação</b> .....	11
1.1.1 - Geomorfologia .....	11
1.1.2 - Geologia – Petrologia .....	12
1.1.3 - Tectónica e sismicidade .....	12
1.1.4 - Caracterização do clima .....	13
1.1.4.1 - Temperatura .....	13
1.1.4.2 - Humidade do ar.....	14
1.1.4.3 - Vento.....	14
1.1.4.4 - Precipitação.....	14
<b>1.2 - Sítio</b> .....	15
1.2.1 - Enquadramento paisagístico .....	20
1.2.1.1 - Zona extra-muralhas .....	20
1.2.1.2 - Zona intra-muralhas.....	24
<b>1.3 - Leitura do monumento</b> .....	26
1.3.1 - Descrição da planta .....	26
1.3.2 - Leitura do interior .....	28
1.3.3 - Alçados exteriores.....	36
<b>1.4 – Enquadramento histórico: o Castelo e a igreja de São Tiago</b> .....	38
1.4.1 - Obras realizadas anteriormente à intervenção de reabilitação da igreja .....	42
<b>1.5 – Materiais de construção</b> .....	47

<b>1.6 – Sistema construtivo .....</b>	<b>49</b>
<b>1.7 - Quadro patológico da igreja .....</b>	<b>51</b>
1.7.1 - Patologias dos materiais de construção.....	51
1.7.2 - Problemas estruturais .....	60
1.7.3 - Causas das ruínas .....	65
1.7.4 - Proposta de conservação dos elementos construtivos.....	66
1.7.4.1 - Alvenarias .....	66
1.7.4.2 - Revestimentos .....	67
1.7.4.3 - Cobertura .....	68
1.7.4.4 - Cantarias .....	69
<b>2ª PARTE: O Projecto e a Obra de Reabilitação da igreja .....</b>	<b>71</b>
<b>2.1 - Enquadramento .....</b>	<b>72</b>
<b>2.2 - Descrição do projecto de intervenção .....</b>	<b>74</b>
2.2.1 - Intervenção arquitectónica .....	74
2.2.2 - Intervenção estrutural.....	78
2.2.3 - Intervenção no espaço exterior .....	82
<b>2.3 - Análise Crítica.....</b>	<b>84</b>
<b>Conclusões .....</b>	<b>87</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>90</b>
<b>Índice de Ilustrações: .....</b>	<b>93</b>
<b>Anexos :.....</b>	<b>97</b>
<b>I: Mapeamento das patologias – Alçados norte e sul .....</b>	<b>97</b>
<b>II: Mapeamento das patologias – Alçados poente e nascente.....</b>	<b>97</b>

## Introdução

A preservação do riquíssimo património arquitectónico e paisagístico do passado, pode mostrar como os povos que nos antecederam se posicionavam no meio que habitavam e onde trabalhavam. Evidenciar a envolvente física, social, económica e essa atitude, revela muitas das nossas referências históricas e culturais.

O art.º1 da Carta de Veneza (Maio de 1964), na noção de monumento histórico, engloba a criação arquitectónica isolada bem como o sítio rural ou urbano que testemunhe uma civilização particular, uma evolução significativa ou um acontecimento histórico. Esta noção é estendida não só às grandes criações mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural, como é o caso presentemente em estudo. Refere ainda, no seu artigo 5º, que *“a conservação dos monumentos é sempre facilitada pela sua utilização para fins úteis e que, embora desejável, não deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios”*. Mais tarde, a Carta de Restauro de 1972, através da circular n.º 117, vem reiterar esta posição, assumindo que todas as obras de arte de qualquer época devem ser objecto de salvaguarda e restauro.

Classificado como Monumento Nacional, através do decreto-lei n.º 38147 de 5 de Janeiro de 1951, e encontrando-se ainda na respectiva Zona Especial de Protecção, DG 177 de 28 de Julho de 1962, o recinto do Castelo de Montemor-o-Novo inclui as muralhas e os imóveis no seu interior. Este local, onde durante séculos esteve edificado o núcleo principal da antiga vila, constituiu uma das zonas fortificadas com maior extensão do nosso país (aproximadamente 1617m). O conjunto de edifícios que hoje resta da antiga vila representa um enorme testemunho da antiga comunidade que ali se instalou. Embora hoje se encontre parcialmente em ruínas, ainda permanece como o ex-líbris da cidade e está indissociavelmente ligado à história de Portugal. O município de Montemor pretende que esta zona de considerável valor, não só do ponto de vista monumental, como também paisagístico, seja transformada num local de atracção cultural e turística, em prol da própria população montemorense e dos turistas nacionais e estrangeiros que diariamente a visitam. Para tal, foi aprovado em 1997 um programa de recuperação e revitalização do castelo a concretizar em cooperação com a administração central, que visa dotar a autarquia, os serviços do Estado que tutelam a área e os elementos patrimoniais do castelo, de um precioso instrumento de orientação para recuperar e reabilitar esta área da cidade.

É neste contexto que surge o tema desta dissertação e que está relacionado com um dos monumentos integrantes do castelo de Montemor-o-Novo: a igreja de São Tiago.

O presente estudo irá abranger duas grandes fases da “vida” do imóvel: a primeira, desde a sua origem, em 1302, até ao início da obra de reabilitação, em 2005, e, a segunda, a fase relativa ao decurso da intervenção e suas consequências culturais.

Pretendemos, em primeiro lugar, fazer uma análise do edifício, conhecendo a sua situação ao nível da geomorfologia e geologia e caracterizando os factores climáticos da zona onde está inserido; localizando-o geograficamente e fazendo o seu enquadramento na paisagem, tentando compreender o lugar onde se insere, pelo contexto ecológico e ainda pelo seu significado cultural que sintetiza e representa o meio que o envolve; obtendo a leitura do monumento e uma abordagem da história e origens do castelo e da igreja. Seguidamente, faremos o levantamento dos materiais que constituem o edifício; a caracterização das patologias nos elementos estruturais desenvolvidas ao longo do tempo e sua correlação com o microclima e outros factores extrínsecos. No final da primeira parte iremos procurar as causas e mecanismos da degradação, apresentando propostas de conservação dos elementos construtivos.

Na segunda parte pretende-se a obtenção de uma análise crítica da solução adoptada para a reabilitação da igreja de São Tiago e da recepção por parte da população. Para tal serão incluídas referências às cartas, convenções e recomendações internacionais, assim como a realização de uma análise da autenticidade, com base não só no levantamento de fontes e informações, como também na leitura do documento histórico que constitui o próprio monumento. Embora sendo um imóvel de dimensões relativamente modestas, a igreja possui um enorme legado histórico para o município de Montemor-o-Novo. Trata-se de um edifício classificado que, durante muitos anos, esteve praticamente abandonado, sem qualquer intervenção que impedisse a sua degradação. Apesar deste aspecto negativo, ofereceu-nos, por outro lado, vantagem em relação a outros edifícios que já sofreram algum tipo de obra de restauro, uma vez que assim permitiu conhecermos melhor a sua evolução histórica.

O interesse por este edifício em particular, prende-se essencialmente com três factores: em primeiro lugar, a oportunidade de poder contribuir para o estudo da alteração profunda que sofreu, testemunhando em algumas zonas o seu estado praticamente inalterado desde a fuga dos habitantes da antiga vila intramuros para o arrabalde, até ao início das obras de restauro (26 de Abril de 2005), e o resultado final após a sua reabilitação em 2006 como Centro Interpretativo



do Castelo. Em segundo lugar, a integração nos quadros técnicos da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, na altura desta última intervenção, possibilitou o acompanhamento permanente das suas obras de recuperação e adaptação a novas funções, facultando o registo da sua evolução e das vicissitudes adjacentes. Por fim, tratando-se de um monumento sobre o qual muito poucos estudos foram realizados, possibilitar a sua posterior divulgação à comunidade técnico-científica interessada ou, mesmo, servir como instrumento de consulta no próprio centro interpretativo.



Ilustração 1 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Situação anterior à intervenção*



Ilustração 2 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Situação actual*

*“Os edifícios que constituem as áreas históricas podem não ter por si mesmos um valor arquitectónico especial, mas devem ser salvaguardados como elementos do conjunto pela sua unidade orgânica” – Carta de Cracóvia (Polónia), 26 de Outubro de 2000 – art.º 8º*

## **1ª PARTE:**

### **Análise do Edifício**

## 1.1 - Situação

Como contributo para a obtenção de uma resposta para as razões que levaram à escolha do local de implantação do castelo de Montemor-o-Novo, bem como para os factores que levaram à degradação, em particular da igreja de São Tiago, iremos recorrer a alguns ramos das ciências naturais. O estudo da sua influência na modelação dinâmica da paisagem, assim como no impacto directo sobre os edifícios, constitui um valioso auxílio para a análise presente.

### 1.1.1 - Geomorfologia

A Geomorfologia dedica-se ao estudo das formas da superfície terrestre, bem como dos processos que as originam e transformam.

A análise geomorfológica de uma determinada área implica o conhecimento da evolução relativamente ao seu relevo, assumindo uma grande importância no contexto geográfico, tendo em conta a sua contribuição no processo de ordenamento territorial. O relevo da região alentejana é organizado em três unidades geomorfológicas: peneplanície alentejana, serra de Monfurado e bacia cenozóica do Tejo-Sado.

A cidade de Montemor-o-Novo situa-se dentro da serra de Monfurado, na extremidade ocidental, destacando-se a colina do castelo devido ao encaixe do rio Almansor que lhe contorna o flanco meridional.

A peneplanície apresenta um grande desenvolvimento nas rochas granitóides situadas a norte e noroeste da população, em geral ligeiramente rebaixadas em relação aos afloramentos metassedimentares que originam algumas saliências e relevo ligeiramente mais rugoso. As diferenças morfológicas são visíveis na faixa alongada de gnaisses migmatíticos que separa os dois afloramentos de granitos.

O castelo de Montemor-o-Novo encontra-se edificado no monte mais elevado da região e a própria geomorfologia do local constitui, por si só, uma fortaleza natural.

### 1.1.2 - Geologia – Petrologia

No Maciço Antigo<sup>1</sup> predominam as rochas ígneas, como os granitóides, e as metamórficas, como os xistos e tipos petrográficos afins. O património construído português está representado em cerca de dois terços do seu território por estas duas famílias de rochas.

Montemor-o-Novo assenta de maneira geral em gnaisses, encontrando-se a parte mais antiga, edificada em três pequenas elevações constituídas por rochas rijas (quartzitos negros), numa das quais se encontra o castelo.

A figura seguinte é representativa da variedade de rochas atrás descritas que compõe as paredes da igreja e que seguramente terão sido recolhidas directamente dos terrenos próximos do local onde foi implantada.



Ilustração 3 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Variedade de rochas aplicada nas alvenarias da igreja*

### 1.1.3 - Tectónica e sismicidade

Um sismo é um movimento do solo caracterizado por oscilações em três dimensões que provocam movimentos muito rápidos nos edifícios. Os edifícios construídos nesta altura eram projectados para suportar apenas o seu peso próprio, levando a que normalmente resistissem unicamente às forças verticais adicionais, provocadas pelos movimentos verticais do sismo. As forças horizontais eram ignoradas durante a fase de projecto, pelo que os edifícios podiam

---

<sup>1</sup> Na sua área continental, Portugal é formado por três grandes unidades geológicas: o Maciço Antigo, as Orlas Mesocenozóicas e as Bacias do Tejo e do Sado. O Maciço Antigo representa, só por si, cerca de dois terços do território.

sofrer danos consideráveis ou mesmo colapsar quando sujeitos a um sismo de maior intensidade.

O concelho de Montemor pertence à zona com maior sismicidade, ou seja, a zona A<sup>2</sup>. Na Carta Geológica de Montemor-o-Novo observa-se, a nascente da área do castelo, uma falha provável que segue a direcção NNE-SSW.

Apesar da sua localização numa zona com alta probabilidade de ocorrência de sismos, não existem registos que relatem algum acontecimento significativo, relacionado com este fenómeno, na zona do castelo, de forma a causar danos estruturais na igreja de São Tiago.

#### 1.1.4 - Caracterização do clima

O clima representa um conjunto de factores meteorológicos que caracterizam o estado médio da atmosfera numa determinada região. Os factores climáticos, e em particular as amplitudes térmicas, as acções de migração da água das chuvas, dos vapores de água e dos sais nela dissolvidos, assim com a acção dos ventos, influenciam directamente o comportamento dos materiais de construção e constituem os processos de degradação mais comuns.

Para uma correcta definição dos principais parâmetros climáticos na área da igreja de São Tiago, seria necessária a instalação de uma estação de monitorização a nível microclimático. Na sua ausência, é aqui feita a caracterização com base nos dados fornecidos pelas cartas do Atlas do Ambiente, elaboradas no Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica e nas respectivas notícias explicativas que a seguir sintetizamos.

##### 1.1.4.1 - Temperatura

O valor da temperatura média diária do ar na região montemorense varia entre os 15° e os 16°C. O clima da região, quanto ao valor médio no ano, da temperatura média diária do ar, é classificado como “Temperado com Inverno chuvoso e Verão seco e quente”<sup>3</sup>.

A amplitude térmica, diária ou sazonal, provoca a dilatação e a retracção dos materiais.

---

<sup>2</sup> Segundo o Regulamento de Segurança e Acções para Estruturas de Edifícios e Pontes

<sup>3</sup> Segundo a classificação de Koppen, retirado do Instituto de Meteorologia, IP Portugal

#### 1.1.4.2 - Humidade do ar

A carta revela uma Humidade Relativa do Ar (U), às 9 TMG<sup>4</sup> (horas do tempo local), inferior a 65%, para esta zona em estudo.

A respectiva notícia explicativa atribui uma classificação para o clima, através do valor médio, no ano, da humidade relativa do ar (U). Assim, de acordo com aquela classificação, é atribuído um clima muito seco ou seco para Montemor, consoante o valor de U seja respectivamente inferior a 55% ou se encontre no intervalo entre 55% e 75%.

#### 1.1.4.3 - Vento

Não foi possível a obtenção da carta do vento. No entanto, a notícia explicativa conclui que o vento sopra predominantemente de noroeste em todo o país, à excepção do litoral do Algarve para leste da Praia da Rocha, onde predomina vento de sudoeste.

Naturalmente que esta informação não poderá ser determinante na análise do regime eólico, ou seja, na averiguação correcta da predominância dos ventos e respectivas intensidades.

#### 1.1.4.4 - Precipitação

Para a precipitação total, os valores da zona em estudo encontram-se entre os 600 e 700mm e para o número de dias, entre os 50 e 75 dias.

Face à importância da quantidade de precipitação, os seus valores são tomados como fundamento de classificação de climas. Assim, a classificação apontada na notícia explicativa é de “moderadamente chuvoso”.

---

<sup>4</sup> Foi optado pelas 9 horas do tempo local, dado que os valores a esta hora são muito semelhantes aos valores médios da humidade relativa do ar no «dia», concretamente em Portugal Continental

## 1.2 - Sítio

Montemor-o-Novo, com uma área de 1231Km<sup>2</sup> e 10 freguesias, é um dos 14 municípios do distrito de Évora e encontra-se situado a uma distância de 30km de Évora, 100km de Lisboa e 110km de Espanha. Sede de concelho e povoação de origem muito antiga, situava-se inicialmente na parte interior da muralha do Castelo, na margem direita do Rio Almansor, expandindo-se posteriormente pela encosta virada a norte, onde actualmente se localiza.



Ilustração 4 – Vista aérea da cidade de Montemor-o-Novo



Rio Almansor

Ilustração 5 – Vista aérea da zona envolvente do castelo de Montemor-o-Novo



Ilustração 5 – Vista aérea do recinto do castelo de Montemor-o-Novo

### LEGENDA:

- 1 Casa do guarda
- 2 Torre do relógio
- 3 Porta de Santarém
- 4 **Igreja de São Tiago**
- 5 Convento da Saudação
- 6 Porta de São Tiago
- 7 Igreja de S. João Batista
- 8 Paço dos Alcaides
- 9 Antiga cadeia ou Paços do Concelho
- 10 Igreja St.ª Maria do Bispo
- 11 Porta do Anjo
- 12 Cisterna pública

Com uma extensão de 1617m e situada a uma altitude de 290 metros, a muralha do castelo, de planta aproximadamente triangular, apresenta o seu comprimento maior orientado a norte, para a actual cidade.

Antigamente, o acesso principal ao recinto do castelo seria através de uma porta orientada a norte, chamada Porta da Vila ou de Santarém<sup>5</sup>, flanqueada pela Torre do Relógio. No lado sul da cerca, houve em tempos uma porta que teria o nome de Porta de Évora e cuja localização exacta se desconhece. O que restava desta porta foi demolido e juntamente com as demolições de outros edifícios localizados dentro das muralhas, foram reutilizados os seus materiais na construção de alguns edifícios do arrabalde.

No lado oeste do Castelo encontra-se a Porta do Anjo junto à torre com o mesmo nome, e a este, a Porta de São Tiago, defendida pela Torre de São Tiago ou da Má Hora. Esta última porta dava acesso, por uma rua referida em documentação histórica, ao adro da igreja de São Tiago.



Ilustração 6 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Vista actual a partir da muralha

De acordo com o sistema de referência Datum 73, a igreja de São Tiago possui as seguintes coordenadas<sup>6</sup>: M – 7115.73m; P – 113871.11m; Z – 297.41m

---

<sup>5</sup> As designações dadas para as portas da vila nem sempre foram as aqui mencionadas. A única que manteve o seu nome foi a de Évora.

<sup>6</sup> Relativas à cota de soleira da porta principal.



Tal como referido anteriormente, a igreja de São Tiago encontra-se situada no lado oriental do castelo, junto à Porta de São Tiago, à qual era ligada por uma das quatro ruas que irradiavam do adro da igreja. Fontes documentais apontam para a existência de uma rua que ligaria igualmente o adro às traseiras do Convento da Saudação<sup>7</sup>, do lado da sua igreja, e uma outra que seguia pelo lado da muralha até à Porta da Vila, junto à Torre do Relógio. Pesquisas arqueológicas, realizadas recentemente, descobriram a calçada de uma última rua direccionada para o terreiro frontal ao Convento da Saudação<sup>8</sup>. Foram igualmente descobertos vestígios de muros e pavimentos de habitações voltadas para o adro da igreja de São Tiago, abandonadas possivelmente nos séculos XVI ou XVII. Várias áreas de necrópole foram também encontradas neste recinto, bem como a existência de alguns silos, um deles no interior da igreja, num nível arqueológico anterior às fundações da mesma

O espaço envolvente ao monumento é composto pelo parque de merendas a poente, pelo campo de tiro de lazer (entretanto abandonado), a sul, pela muralha a norte, e a nascente, a poucos metros da igreja, por um pequeno edifício composto pelas instalações sanitárias de apoio aos visitantes do castelo e que sofreu igualmente obras de remodelação.

Mesmo em frente à entrada principal da igreja, existia uma pérgola para ensombramento, cujas trepadeiras ocultavam uma grande parte da fachada.



Ilustração 7 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Foto tirada antes da intervenção, a partir da Torre da Má Hora. À esquerda, ao fundo, o Paço dos Alcaides e ao centro, o campo de tiro junto à igreja de São Tiago.

<sup>7</sup> Aparece mencionada em 1561 perto do convento como “Rua de São Tiago dos Cavaleiros”

<sup>8</sup> Provavelmente referindo-se a esta rua, existe um documento de 1637 que fala de uma “Rua do Mosteiro à igreja de São Tiago”

As figuras seguintes ilustram o adro da igreja de S. Tiago antes da intervenção que deu origem ao presente estudo.

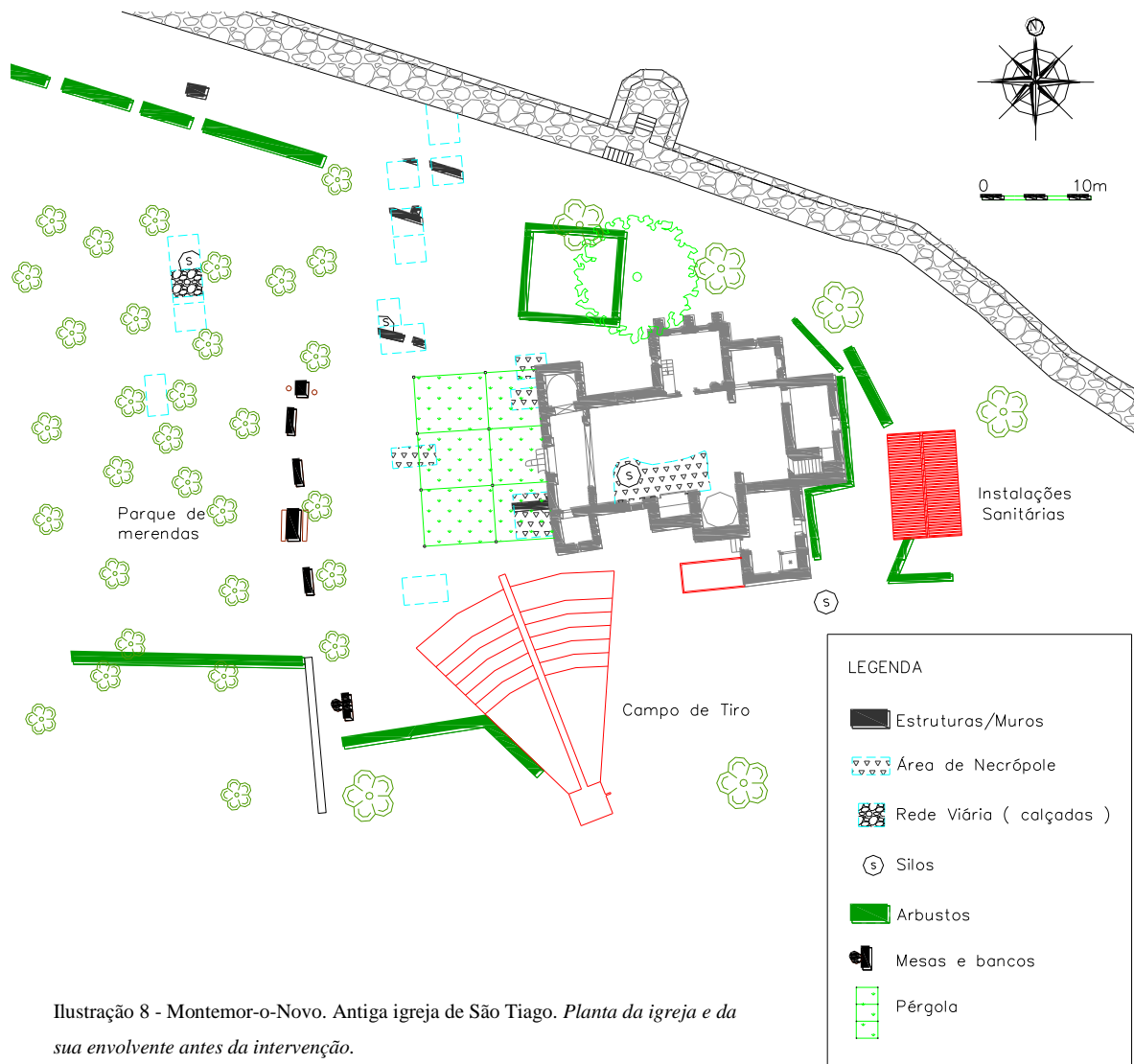


Ilustração 8 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Planta da igreja e da sua envolvente antes da intervenção.*

Como se pode observar, a presença desorganizada de vegetação e de elementos estranhos à igreja, implantados muito próximos desta, em nada contribuem para a sua valorização. À excepção do lado sul, toda a envolvente do edifício encontra-se encoberta por alguns destes “obstáculos” que não só dificultam a circulação dos visitantes, como impedem uma apreciação plena do monumento. Nas escavações arqueológicas realizadas em várias campanhas e que continuam em actividade, foram encontradas algumas áreas de necrópoles, inclusive dentro da

igreja. Foram ainda revelados alguns troços de rede viária que permitem dar uma ideia um pouco mais aproximada da forma como a malha urbana estava organizada naquela zona da vila medieval.



Ilustração 9 – Montemor-o-Novo. Adro da igreja de São Tiago (Foto tirada perto do arco da figura 12).



Ilustração 10 - Montemor-o-Novo. Rua que liga a igreja de São Tiago ao convento de Nossa Senhora da Saudação.



Ilustração 11 - Montemor-o-Novo. Antiga rua que ligava a Porta de Santarém à de São Tiago. Ao fundo, a Torre do Relógio.



Ilustração 12 - Montemor-o-Novo. Porta de São Tiago e Torre de São Tiago, também chamada de Torre da Má Hora.



Ilustração 13 - Montemor-o-Novo. Composição do alçado sul da igreja de São Tiago. (Anterior à intervenção). À esquerda, vista parcial do adro e à direita observam-se as instalações sanitárias de apoio. Fotos tiradas a partir do campo de tiro. (Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo)

## 1.2.1 - Enquadramento paisagístico

### 1.2.1.1 - Zona extra-muralhas

A cidade de Montemor-o-Novo tem-se desenvolvido essencialmente na direcção paralela à muralha norte do castelo. As duas ilustrações seguintes mostram duas perspectivas diferentes. A primeira foi obtida a partir do castelo, e nela se pode constatar o vale onde se situa o tecido urbano da cidade, razoavelmente matizado por elementos vegetais que lhe atribuem algum “conforto”. Na segunda foto, tirada a partir do ângulo oposto, na colina onde se situa a igreja de Nossa Senhora da Visitação, começa-se a denotar uma certa dificuldade na percepção e leitura da muralha do castelo, para o observador localizado neste lado exterior da muralha. Tal facto deve-se à sua ocultação parcial provocada pela vegetação arbórea e arbustiva, de carácter ornamental, que forma maciços, nomeadamente no limite nordeste.



Ilustração 14 - Vista do castelo de Montemor-o-Novo sobre a cidade (a norte). Ao fundo, o santuário de Nossa Senhora da Visitação.



Ilustração 15 - Vista da muralha norte do castelo de Montemor-o-Novo, a partir do santuário de Nossa Senhora da Visitação.

Torna-se assim necessária uma intervenção na vegetação localizada na encosta, de forma a garantir uma adequada transição entre o espaço urbano e a área de influência do castelo, evidenciando a linha definida pela sua muralha.

Do lado sul, avista-se do castelo uma imensa área de pequenas colinas de olival que definem uma ondulação contínua, oferecendo uma paisagem rica em dimensão, movimentação e contrastes cromáticos (na cor da terra e do coberto vegetal). Do lado oposto, a muralha praticamente descoberta de vegetação, quase que se confunde com a encosta do castelo, dando uma leitura do monumento completamente diferente da anterior. Estas observações podem ser constatadas nas duas ilustrações seguintes.



Ilustração 16 - Vista do castelo de Montemor-o-Novo para sul.



Ilustração 17 - Vista da muralha e encosta sul do castelo de Montemor-o-Novo.

A partir da rotunda que se observa no canto inferior direito da ilustração 17, e que se encontra localizada junto à ponte sobre o Rio Almansor, segue em direcção a sul, a estrada que liga Montemor-o-Novo a Alcácer do Sal.

A paisagem que se avista a partir da muralha poente, revela-nos a existência, em primeiro plano, da ponte metálica do caminho-de-ferro, entretanto desactivada, mas que durante décadas marcou uma presença de destaque nesta zona da cidade. Por baixo da ponte corre o rio Almansor, elemento estruturante da paisagem urbana e rural envolvente e que, depois de seguir paralelamente a toda a muralha sul, vai desaparecendo por entre as pequenas colinas, sempre acompanhado nas suas margens por uma frondosa galeria ripícola. São ainda presentes as colinas de olival, interrompidas pelos relvados que rodeiam as vivendas, e que ameaçam alterar negativamente toda esta paisagem.



Ilustração 18 - Vista para ponte a partir da zona do Paço dos Alcaides no castelo de Montemor-o-Novo.

Este lado da encosta segue a mesma leitura do flanco sul do castelo. Trata-se da zona mais degradada de todo o perímetro amuralhado, pelo que toda a encosta, em conjunto com a área intra-muros, parece suspensa sobre a cortina arbórea da base. Na sua relação com o rio, a encosta do castelo encontra-se em estado de degradação, não só devido aos agentes da Natureza, como também devido à acção do homem, como o de armar parte dessa encosta em socalcos, deixando-a ao abandono. A médio prazo seria importante uma intervenção no sentido de evitar a erosão contínua dos solos, sem no entanto descaracterizar a encosta.



Ilustração 19 - Vista da muralha poente do castelo de Montemor-o-Novo.

A zona envolvente que se observa para leste, revela-nos uma paisagem onde predominam as culturas arvenses, prados de sequeiro e o olival - usos do solo tradicionais da região. Outro elemento estruturante da paisagem é o caminho da encosta, delineado por um alinhamento de oliveiras e ainda pela construção de um muro de extensão considerável, que limita a obra de uma construção particular, completamente desenquadrada, no contexto visual. A segunda fotografia, tirada a partir do moinho localizado no centro da ilustração 21, em direcção ao castelo, revela uma cortina arbórea bastante densa na zona da Torre da Má Hora (à direita), junto à igreja de São Tiago, ocultando uma grande parte da muralha. Observa-se ainda uma mancha de olival no lado esquerdo da figura.



Ilustração 20 - Vista a nascente, a partir do castelo de Montemor-o-Novo.



Ilustração 21 - Vista da muralha nascente do castelo de Montemor-o-Novo.

### 1.2.1.2 - Zona intra-muralhas

O castelo apresenta uma grande beleza fisiográfica, de onde se realça a ondulação natural e o terraceamento que a acção do homem fez surgir no passado. É evidente o processo de abandono, ruína e destruição ao longo do perímetro das muralhas e a desertificação da zona habitacional devido, entre outras razões, à falta de fontes de abastecimento de água (ou à carência de sistemas de recolha), maior fertilidade das terras no arrabalde, desvio das rotas comerciais, etc.



Ilustração 22- Fotografia aérea da zona Sudeste do castelo de Montemor-o-Novo. Em primeiro plano, o Paço dos Alcaides (Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo)



Ilustração 23 - Fotografia aérea da zona Ocidental do castelo de Montemor-o-Novo. Em primeiro plano, a Porta do Anjo, seguida das ruínas da igreja de Santa Maria do Bispo. (Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo)



Pela observação das figuras anteriores, e embora tenham sido tiradas em alturas variadas do ano, podem-se distinguir duas zonas de diferente ocupação do solo, dentro daquilo que resta das muralhas do castelo de Montemor-o-Novo.

A zona de prado, que ocupa praticamente dois terços de toda a área, abrange a zona do Paço dos Alcaides, passando pela antiga cadeia em direcção à Torre do Relógio e percorre todo o recinto para ocidente até à Torre do Anjo. No limite, a noroeste, existe uma pequena mancha de olival, integrado nas ruínas da igreja matriz de Nossa Senhora do Bispo, característica das tapadas ou cercas mediterrânicas destinadas às “culturas mimosas”, nomeadamente da oliveira, junto aos castelos e conventos.

A mata encontra-se situada na zona nordeste do castelo e abrange toda a área ocupada pelo convento de Nossa Senhora da Saudação e pela igreja de São Tiago.

Durante muitos anos, esta mata era visitada tradicionalmente pelos montemorenses e dela aproveitavam a sombra fresca para a realização de piqueniques, para convívio ou simplesmente para descansarem.

Ao longo da parte interior das muralhas, existiu outrora um percurso com equipamento para manutenção física, que atraía a população para o recinto do castelo.

Com o decorrer dos anos, tanto a zona da mata como o circuito de manutenção foram sendo postos ao abandono, sem qualquer acção de conservação e limpeza, o que contribuiu para o afastamento das pessoas, do recinto do castelo.

Para além dos acessos à igreja de São Tiago e ao Convento de Nossa Senhora da Saudação, o único caminho que permite a circulação automóvel dentro das muralhas, liga a porta de entrada do castelo, junto à Torre do Relógio, às ruínas do Paço dos Alcaides.

### 1.3 - Leitura do monumento



Ilustração 24 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Vista parcial*

#### 1.3.1 - Descrição da planta

O edifício apresenta uma planta de geometria irregular, em resultado das obras de ampliação realizadas ao longo dos séculos e que vieram alterar o seu traçado primitivo.

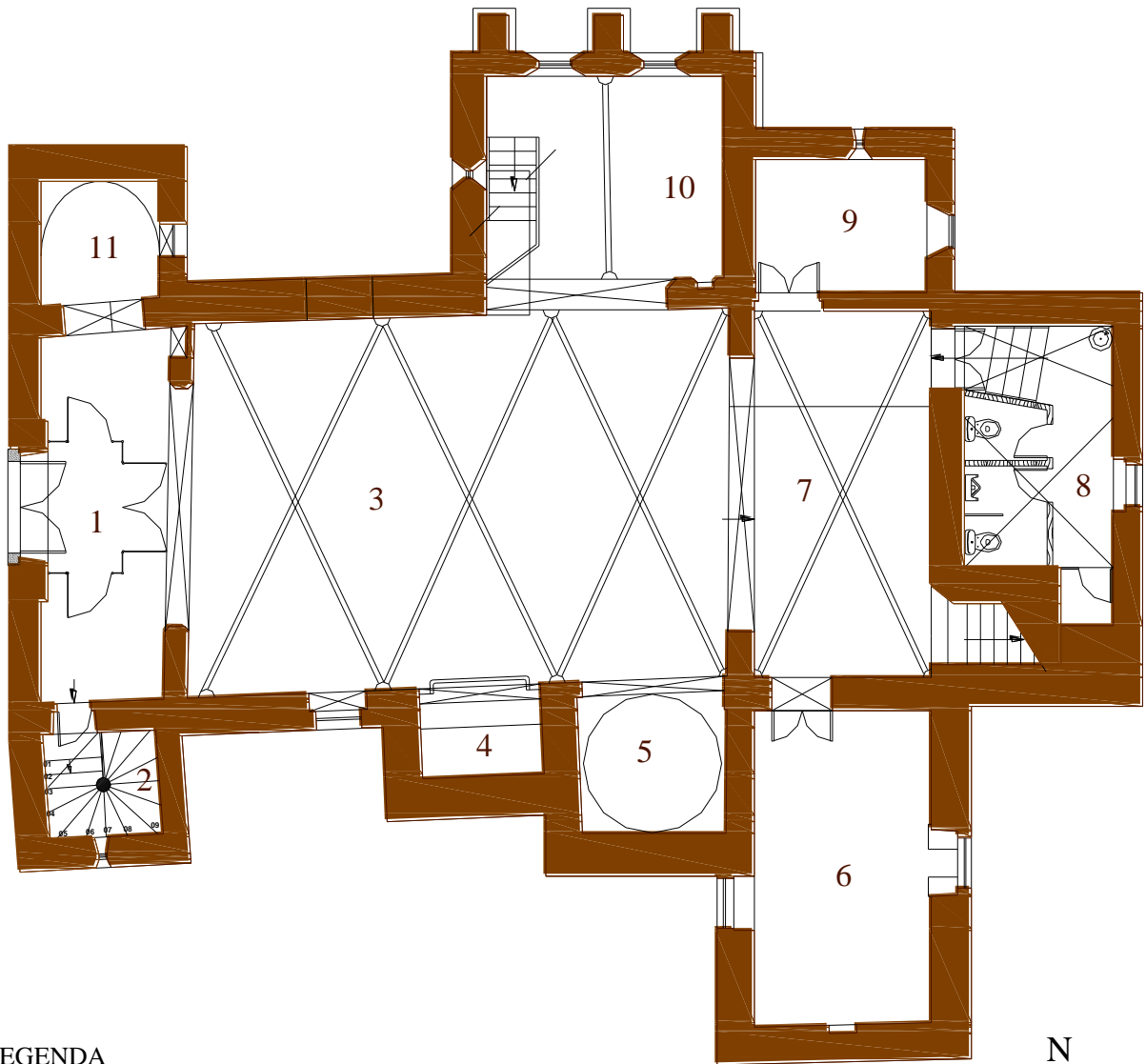
Face às suas origens medievais, o corpo longitudinal da igreja encontra-se orientado para nascente, conforme ditava a tradição naquela época. A cabeceira é composta por um corpo de planta rectangular. De seguida encontra-se um corpo a norte e um outro localizado no alçado oposto, de maior comprimento, sendo o mais saliente em relação ao corpo longitudinal.

De construção assimétrica e temporalmente tardia, existem três capelas, implantadas uma a norte e duas a sul, com dimensões bastante distintas entre si.

A zona do baptistério, a norte, e a zona das escadas de acesso ao coro alto, a sul, formam os restantes dois corpos salientes, e que ladeiam a frontaria do edifício, em disposição quase simétrica.

As paredes do edifício apresentam espessuras bastante variadas, reflectindo uma descontinuidade temporal na sua construção.

As coberturas diferenciadas dos vários corpos são garantidas por abóbadas, que formam no seu extradorso os telhados, compostos maioritariamente por duas águas.



#### LEGENDA

- 1 - Vestíbulo; 2 - Escadas; 3 - Sala polivalente; 4 - Capela de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Boa Morte;  
5 - Capela do Senhor das Chagas; 6 - Gabinete do castelo; 7 - Estrado; 8 - Inst. sanitárias;  
9 - Sala de exposições; 10 - Sala de exposições; 11 - Recepção

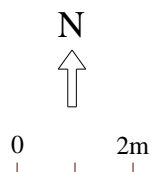


Ilustração 25 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Planta do piso térreo. Ocupação actual*

### 1.3.2 - Leitura do interior

O edifício da antiga igreja de São Tiago compõe-se de dois pisos: no primeiro piso, num nível inferior do corpo da cabeceira, virado a nascente, sob o trono do altar-mor, encontra-se um compartimento de planta rectangular de dimensões muito reduzidas, acessível por uma escada, com o tecto em abóbada de aresta e que corresponde actualmente às instalações sanitárias. Este espaço serviu, outrora, provavelmente, como ossuário.

Na capela-mor encontra-se um patamar no pavimento, que cobre um degrau em alvenaria de pedra e que seria provavelmente o local do altar. Do lado direito situam-se as escadas de acesso ao trono do altar-mor.

Anexa à capela-mor, do lado do Evangelho, há uma zona destinada a sala de exposições e que anteriormente seria, porventura, uma capela, dado o facto de a espessura da parede que a delimita interiormente ser inferior às restantes. Do lado oposto, com um comprimento consideravelmente superior, a anterior sacristia deu actualmente lugar a um gabinete técnico. Este corpo é de planta rectangular e o seu tecto em abóbada de berço.

A capela-mor está separada do corpo da nave por um arco triunfal, adornado com motivos pictóricos florais.

O arco abatido de apoio ao coro-alto está igualmente pintado com motivos florais.

As paredes da nave estão equilibradas com tirantes.

A cobertura da nave é em tecto com abóbadas de arestas, sem bocetes e assentes em mísulas de granito ou em tijolo cerâmico.

De referir, pela importância que assumem na valorização do conjunto histórico edificado, que as paredes da nave e das capelas laterais desta antiga igreja se encontram decoradas com fragmentos de pinturas murais, compostos por registos iconográficos alusivos a episódios da Vida e Paixão de Cristo ou por figuras sacras da Igreja.

As pinturas murais foram identificadas como pertencentes a duas campanhas distintas. Podemos encontrar a mais antiga, da primeira metade do século XVII, nos fragmentos dispersos pelo coro alto, alçados, arco triunfal, capela adjacente situada no lado da epístola e abóbada da capela-mor. Da segunda campanha apenas se encontraram fragmentos na abóbada da capela-mor, não tendo sido possível determinar com rigor o seu período. No entanto, também com base em estudos comparativos com outras obras similares, foi atribuída a uma época posterior.

De seguida deixamos aqui alguns exemplos de pinturas murais restauradas e que decoram algumas paredes e tectos do edifício.



Ilustração 26 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pinturas murais - Duas pinturas, das quais apenas se conseguiu identificar a da esquerda, alusiva a Santa Catarina de Alexandria<sup>9</sup> - Nave, lado do Evangelho.*



Ilustração 27 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pinturas murais - Pintura sem identificação do seu contexto iconográfico – Nave, lado da Epístola.*

---

<sup>9</sup> Apesar de se apresentar bastante fragmentada, e com uma área de painel reduzida, foi possível identificar esta pintura como sendo alusiva a Santa Catarina de Alexandria, pelo seu símbolo iconográfico: a roda dentada.

Verificando-se a perda de uma parte significativa das composições, coube à equipa de restauradores adequar a metodologia às especificidades de cada caso, de modo a atenuar essas descontinuidades e a criar uma leitura de conjunto harmoniosa e perceptível, sem contudo se distanciar dos princípios éticos que regulam qualquer intervenção desta natureza.



Ilustração 28 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pinturas murais - Três Cenas da Vida e Paixão de Cristo: a Descida da Cruz, o Calvário (ao centro) e o Ecce Homo – Paredes da capela do Senhor das Chagas.*



Ilustração 29 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pinturas murais - Cúpula da capela do Senhor das Chagas com diferentes símbolos do Martírio, num primeiro plano e querubins junto ao zimbório.*



Ilustração 30 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pinturas murais - Sobreposição de dois registos: em baixo duas figuras clericais<sup>10</sup> e em cima, uma cena alusiva à vida de Santa Catarina de Siena - Pinturas situadas no lado direito da capela-mor.*

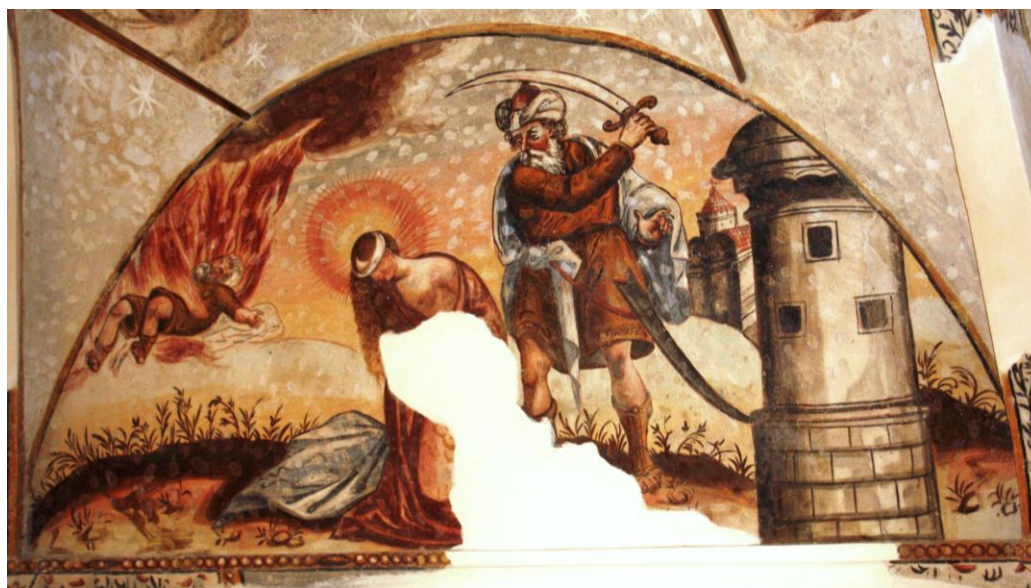


Ilustração 31 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pinturas murais - Martírio de Santa Bárbara. Alçado esquerdo da capela-mor*

<sup>10</sup> Esta pintura é interrompida por vários rectângulos de reboco, que correspondem provavelmente à anterior zona de encastramento do vigamento de suporte de um piso, de cuja remoção se desconhece a data.

O tecto da capela-mor (*vide* ilustração seguinte), era a zona de pintura mural que apresentava menos lacunas, permitindo, no final, a obtenção de um painel praticamente completo. Aos arcos da abóbada foram apenas preenchidas as zonas em falta e simplesmente assumida a sua caiação.



Ilustração 32 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pinturas murais - Orquestra celestial – Tecto da capela-mor.*

Embora não se tratando de pintura mural, mas de argamassa moldada e pintada, deixamos também aqui o registo do trabalho de restauro efectuado ao tecto em forma de vieira, da zona de recepção do Centro Interpretativo do Castelo.



Ilustração 33 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Tecto do Baptistério - Vieira em relevo.*



Na nave, do lado da Epístola, encontram-se localizadas duas capelas contíguas, que, como referimos, são de data tardia. O acesso a estas capelas, dedicadas ao Senhor das Chagas e a Nossa Senhora da Boa Morte, faz-se por dois arcos emoldurados e profusamente decorados.



Ilustração 34- Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Capelas do Senhor das Chagas e de Nossa Senhora da Boa Morte*

A primeira (Senhor das Chagas) está coberta com uma cúpula de meia laranja e pintada com vários temas de alegoria religiosa.

A segunda capela (de Nossa Senhora da Boa Morte) tem um altar em alvenaria de tijolo rebocado e caiado e não apresenta nenhum núcleo pictórico.

No último compartimento, implantado lateralmente à frontaria da igreja, do lado meridional, encontram-se as escadas de acesso ao coro-alto da nave.

O espaço do antigo baptistério, localizado a norte e no prolongamento da frontaria, corresponde actualmente à recepção do centro interpretativo. Apresenta o tecto em forma de concha, pintada, numa alusão simbólica ao Apóstolo São Tiago, orago deste monumento.

Ainda do lado norte do antigo templo, encontra-se uma sala de exposições, no lugar onde anteriormente se situava a capela de Nossa Senhora da Graça, à qual se acede por um arco hemicircular. O seu tecto é em abóbada nervurada. Do interior desta antiga capela partem as escadas de acesso ao púlpito da nave.



Ilustração 35 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Interior da igreja – Arco de acesso à antiga capela de Nossa Senhora da Graça e púlpito.

Consideramos como pertencentes ao segundo piso, duas zonas da igreja situadas opostamente e em níveis diferentes. No piso superior da cabeceira da igreja, atrás do altar-mor, há uma sala de exposições. O tecto deste compartimento é constituído por abóbada cilíndrica.

No lado oposto da igreja, acedida pelas escadas a sul, a sala de reuniões encontra-se situada no coro-alto, sobre a entrada. É a partir desta zona que se pode aceder à zona do campanário, hoje destinada a miradouro. Esta pequena zona, com vista panorâmica, tem o pavimento revestido a tijoleira cerâmica e está desprovida de cobertura.

O púlpito, localizado na parede do lado setentrional da igreja, tem o acesso a partir da capela de Nossa Senhora da Graça, através de umas escadas em alvenaria revestidas com tijoleira cerâmica, e com guardas metálicas.

Os pavimentos do primeiro piso da igreja encontram-se revestidos com lajetas de granito amaciado, à excepção da parte central da nave que é revestida a pavimento flutuante de madeira de faia, conforme se pode observar na figura seguinte. O piso superior da cabeceira encontra-se igualmente revestido com lajetas de granito, enquanto que as instalações sanitárias localizadas no nível inferior, estão revestidas com mosaico porcelânico.

Na zona do arco do altar-mor, existe uma guarda em vidro temperado rematado por cima com elemento em madeira de secção circular, envernizado.

A zona do coro alto está revestida com pavimento flutuante de madeira de faia e uma faixa de remate em granito, sobre a qual assenta uma guarda em perfis de ferro pintados de branco. O terraço que serve de miradouro está revestido com tijoleira cerâmica regional.

As paredes e os tectos encontram-se integralmente rebocados e caiados, à excepção das zonas onde foram encontradas pinturas murais.



Ilustração 36- Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Aspecto dos pavimentos da nave.*

### 1.3.3 - Alçados exteriores

O exterior do edifício é marcado pela forte presença do branco da cal, acentuada pela ausência de elementos decorativos, que conferem simplicidade arquitectónica ao conjunto.

Apresenta os volumes escalonados, com cobertura diferenciada em telhados de uma água no corpo da capela de Nossa Senhora da Boa Morte e sala de exposições localizada a norte; de duas águas para a nave, capela-mor, cabeceira e sacristia e de três águas no corpo das escadas e capela do Senhor das Chagas.

A fachada do edifício é definida por três corpos horizontais, assim organizados:

- o correspondente à nave é rematado por empena triangular e cornija moldurada e coroada por uma cruz de granito. Porta de madeira com moldura em cantaria de verga recta adintelada, encimada por janela igualmente de verga recta, sem moldura;

- à esquerda, o campanário apresenta, sobre um pequeno friso, um óculo circular e dois olhais com verga em arco de volta perfeita, actualmente desprovidos de sinos. É rematada por frontão triangular;

- o corpo à direita, onde estão localizadas as escadas de acesso ao coro-alto, é completamente liso e rematado com cornija moldurada e beirado.

Num plano mais afastado, no corpo da sacristia, encontra-se a porta de acesso, precedida de três degraus em alvenaria e um quarto degrau em cantaria de granito.

No alçado sul do antigo templo, as paredes dos vários corpos sobressaem em diferentes níveis relativamente à nave. No primeiro corpo, à esquerda, a parede é apenas rasgada por uma fresta vertical, sendo rematada com cornija e beirado ao mesmo nível da nave. Entre este corpo e o da capela de Nossa Senhora da Boa Morte, encontra-se um portal de granito, chanfrado e em forma de ogiva. Este vão está fechado com vidro, sem caixilharia. Por cima, e centrado no vão, há uma fresta de dimensões inferiores à anterior. Seguidamente, pode observar-se a parte superior de dois contrafortes, igualmente rebocados e caiados e coroados com tijoleiras cerâmicas. Estes dois elementos estruturais encontram-se integrados nas duas capelas adjacentes, cuja cornija e beirado se localizam num nível inferior, relativamente ao da nave da igreja. No corpo mais saliente, correspondente à sacristia, a parede, desprovida de qualquer vão, está rematada por uma cornija em V invertido.

A nascente, a parede da sacristia é apenas interrompida por uma janela protegida com uma grade de ferro e moldura em cantaria de verga recta. A parede é rematada pela referida cornija e beirado recto. No corpo da cabeceira repete-se o prospecto atrás referido. Contudo, a parede está rematada pela empena que acompanha a forma da abóbada, num nível inferior à nave e à capela-mor. O alçado nascente da sala de exposições tem, igualmente, uma janela, de menor dimensão. O remate do alçado faz-se por um beirado simples.

No alçado norte da igreja destaca-se o corpo da capela de Nossa Senhora da Graça, amparado com três contrafortes escalonados, entre os quais se abrem duas frestas. Esta capela recebe luz natural através de uma fresta virada a poente.

Na parede da nave, centrado com a capela e com o corpo do campanário, existe uma pequena fresta aberta simetricamente à existente no alçado oposto. Ambas permitem a entrada de luz solar directamente para a nave da igreja.



Ilustração 37 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Alçado norte*

## 1.4 – Enquadramento histórico: o Castelo e a igreja de São Tiago

As origens da igreja de São Tiago estão indissociavelmente ligadas aos primórdios do próprio castelo de Montemor-o-Novo, local onde se instalou uma das principais vilas do Alentejo, não só pela sua importância económica, como pelo número de habitantes ou ainda pela sua localização geográfica.

Embora existam muito poucos indícios concretos que o possam comprovar, alguns historiadores apontam a origem do castelo para uma fundação romana, através do achado de lápides romanas reutilizadas na construção de edifícios medievais e, por outro lado, pela existência de duas vilas romanas a 4 e 5Km do local, descobertas há relativamente pouco tempo. Outro elemento que poderá ligar a presença romana à construção desta fortificação é a existência da via romana que ligava Lisboa a Mérida, e que tinha um troço que passava por Alcácer do Sal, seguia por Montemor-o-Novo, ligando a Évora e finalmente a Mérida<sup>11</sup>.

Fontes documentais com breves menções a Montemor, antiga Castra Maliana, ou Castrum Malianum, ou Castro Manliense, abonam a favor de uma origem islâmica. Relativamente ao rio que passa junto do castelo de Montemor-o-Novo, o hidrónimo “Almanson” é associado ao árabe Al-Mansur, antigo governador da região da Andaluzia, na época da ocupação muçulmana da Península Ibérica.

Uma outra versão atribui a sua origem aos Celtas, remotos povoadores da Península Ibérica e que na região de Montemor deixaram vestígios abundantes da sua cultura, como as antas ou dólmenes. Outro dado que apoia esta teoria prende-se com a configuração fálica que o perímetro amuralhado do castelo apresenta.

Encontram-se a decorrer trabalhos arqueológicos no recinto do castelo que por certo ajudarão a encontrar respostas mais concretas neste campo.

D. Sancho I concede à vila o primeiro foral em 1203, após a sua reconquista aos mouros dois anos antes. Algumas teses apontam para esta data como o início da construção do castelo.

Durante o reinado de D. Dinis foram feitas grandes reformas nas defesas da povoação, nomeadamente ao nível da cerca da vila, vindo a ser concluída em 1365, quarenta anos após a

---

<sup>11</sup> De acordo com o Itinerário XII de Antonino, retirado da edição do itinerário com o título *Itinerarium Antonini Augusti et Hierosolymitanum*, publicado em Berlim, no ano de 1848, pelos editores Gustav Parthey e Moritz Pinder.

sua morte. Dentro do recinto estiveram localizadas a câmara, a cadeia, a almotaçaria<sup>12</sup>, o pelourinho, as quatro igrejas paroquiais e o paço do alcaide, residência real por diversas ocasiões.

No século XV, o castelo sofreu obras de remodelação sob a responsabilidade do Mestre de Pedraria, Afonso Mendes de Oliveira. Durante este período e até ao século XVI, desenvolveu-se dentro da cerca um aglomerado urbano importante, cuja prosperidade se deveu a uma favorável localização entre Lisboa e outras terras do litoral, por um lado, e Évora, o interior do Alentejo e Espanha, por outro.

Foi ainda nesta época que a Corte permaneceu durante longos períodos em Évora, levando à ocorrência de acontecimentos bastante importantes para Montemor. A vila tornou-se então palco das cortes de 1496, nas quais D. Manuel I decidiu autorizar a preparação da viagem marítima para Índia. Alguns historiadores afirmam que o próprio Vasco da Gama terá ultimado os preparativos para a sua épica viagem à Índia, numa das casas situadas fora da muralha, na actual Rua de D. Vasco. Em 1503, D. Manuel I concede a este “Monte Mayor” o foral de “leitura nova”, cinco anos após a chegada de Vasco da Gama à Índia, em 1498.

No numeramento<sup>13</sup> de 1527-1532, cadastro geral do reino de D. João III, constavam na vila 889 casas

Em 1563, D. Sebastião concede-lhe o título de Vila Notável, devido, entre outras razões, a ser “*lugar antigo e de grande povoação*”, e ser “*cercada e enobrecida de igrejas, templos e mosteiros e de muitos outros edifícios e casas nobres*”.

Mas as causas que determinaram a prosperidade da vila arrastaram também a ruína da área amuralhada. A favorável situação relativamente ao comércio e às comunicações terrestres levaram a que a vila se desenvolvesse, sobretudo no arrabalde que, desde a Idade Média, se formara a norte da colina fortificada. Este era um sítio mais amplo, de cómodo acesso e na passagem natural de mercadores e outros viajantes, ao contrário da vila alta, sem nascentes naturais, mais acanhada e dificilmente acessível pela sua altitude. A partir do final do século XVI, início do século XVII, nota-se uma forte tendência para o abandono do “Castelo” pela

---

<sup>12</sup> Local onde o antigo responsável pela fiscalização de pesos e medidas e da taxaço dos preços dos alimentos, (almotacé) fixava o preço dos géneros.

<sup>13</sup> Galego, Júlia; Daveau, Suzanne – *O numeramento de 1527-1532 – Tratamento Cartográfico*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos nº9, Lisboa 1986

população. As casas são demolidas e, com os materiais reaproveitados, outras se constroem na baixa extra-muros.

Durante a guerra da restauração da independência portuguesa, o conselho de guerra do rei D. João IV proferiu ordem para reedificar as suas defesas. Não se conhecem registos de qualquer intervenção no castelo de Montemor no seguimento desta promulgação real.

Apesar da oposição oficial, no começo do século XVIII a área murada estava totalmente desabitada, à excepção das igrejas, que continuaram a ter a sua prática religiosa até à 1ª metade do século XIX. Entretanto, em 1755 deu-se o terramoto que causou bastantes danos no castelo, e em especial nas muralhas, verificando-se a necessidade de se proceder a obras de reparação.

Depois de ter resistido aos ataques das tropas napoleónicas durante as invasões francesas, no início do século XIX, as muralhas foram sendo sujeitas ao processo contínuo de degradação, apenas atribuída a causas naturais, sem contudo serem alvo de acções de conservação.

No século seguinte o castelo foi dividido em talhões com a venda sobretudo a agricultores e feita a alienação do património. A partir daí os próprios edifícios municipais e religiosos são substituídos por outros fora do castelo.

No século XX, a Câmara recupera os terrenos intra-muros e adopta novas medidas de recuperação e reabilitação do castelo. Em 1929 foram realizadas reparações numa das torres do castelo, verificando-se nos anos seguintes o desabamento de algumas zonas da muralha. Entre os anos de 1937 e 1945, foram realizadas novas obras de reparação em dois troços das muralhas, que entretanto desmoronaram, e foi ainda consolidada uma zona da muralha junto à Porta da Vila.

Pela análise das memórias paroquiais de 1758, importante fonte para a história local das freguesias, elaboradas na sequência do terramoto de 1755 pelo padre Luís Cardoso, membro da Academia Real de História Portuguesa, conclui-se que a freguesia de São Tiago era comenda da Ordem de São Tiago. Em 1524, o bispo eborense, cardeal-infante D. Afonso, filho do rei D. Manuel I, apresenta prior, o que indica que no século XVI já pertencia à diocese de Évora. Não se conhecendo ao certo a data da fundação do edifício da igreja de São Tiago, foi sede da freguesia de São Tiago, uma das quatro freguesias existentes na vila antiga. A referência mais remota é feita num documento do arquivo da Sé, emitido no dia 15 de Maio de 1302. Alguns



autores reportam a sua construção ao início do século XIII, ou seja, à data da fundação da própria vila de Montemor-o-Novo pelo rei D. Sancho I.

O historiador Dr. António Alberto Banha de Andrade, nos “Cadernos de História de Montemor-o-Novo”, que se dedica a “Breve História das Ruínas do Antigo Burgo e Concelho de Montemor-o-Novo”, editado em 1977, fala sobre a igreja de Santiago, ou S. Tiago, ou S. Thiago. E diz: “... *Para além da referência documental de 1302, as próprias pinturas murais, porventura originais do séc. XIV, depõem da sua antiguidade, na traça actual de potentes contrafortes, comuns, aliás, a outras construções de igrejas em Montemor. A porta lateral, em forma de ogiva, talvez se possa somar aos indícios da sua vetustez. ...*”.

Escavações arqueológicas realizadas em 1987 revelaram a existência de dois silos, um no interior da igreja, abandonado na altura da construção do edifício e um segundo nas traseiras, entulhado com materiais do século XV. Novas escavações efectuadas cinco anos mais tarde vieram a descobrir dois outros silos escavados na rocha, com dimensões semelhantes aos anteriores. O espólio recolhido no seu interior, que se crê ter sido abandonado nos sécs. XIII-XIV e o facto de um dos silos se encontrar no interior da igreja, num nível arqueológico anterior às fundações da mesma, remetem para a possibilidade de ter havido uma ocupação habitacional, anterior à construção deste edifício. Em 1477, a freguesia de São Tiago era constituída por duas confrarias: da Irmandade das Chagas e do Santíssimo Sacramento. Foi extinta como sede de freguesia em 1845. Entretanto uns anos antes, em 1834, tinha-se dado a extinção das Ordens Religiosas, contudo, a igreja de São Tiago manteve-se aberta ao culto até 1863.

A partir desta data não existem registos de qualquer prática religiosa ou outra, o que contribuiu para o abandono e degradação do imóvel. Até à intervenção alvo deste estudo, o edifício apenas serviu como depósito de materiais da Câmara e, de 1970 a 1997, de apoio à associação de caçadores que se instalaram na zona da sacristia. Entre outras actividades, a associação organizava torneios no campo de tiro aos pratos, situado junto à igreja, o que, por um lado, levava muitos visitantes ao castelo, mas por outro, permitia uma grande acumulação de chumbo e de restos de alvos e outro lixo ao longo da mata adjacente.

#### 1.4.1 - Obras realizadas anteriormente à intervenção de reabilitação da igreja

Ao longo da “vida” do monumento, várias obras de reparação e remodelação foram sendo realizadas<sup>•</sup>. Apesar de facilmente comprováveis através da simples observação directa do edifício, o seu testemunho reside em vários documentos da época. Por exemplo, em 1533, o Visitador Episcopal determinou uma reparação cuja descrição indicava: “...mandara o dito prior concertar o buraco do forro da osya que está da bamda do tisouro”.

Conjugando os documentos existentes com dados arqueológicos realizados em 1992, conclui-se a existência, inicialmente, de um corpo central na igreja, alterado com obras de reforma do séc. XVI, sendo o espaço alargado com a adição das capelas e corpos laterais e encerramento da portada lateral. Após os trabalhos de remoção do reboco, ficaram ainda mais evidenciadas estas ampliações: a norte com a construção do campanário e baptistério, e a sul com o vão das escadas de acesso ao coro-alto. É bem visível a interrupção feita na cornija para introdução do pilar de um dos olhais do campanário, assente sobre o cunhal da nave, retirando simetria ao corpo central.

Foi ainda encontrado sobre a porta principal da igreja, um arco de descarga de forças, conforme se pode observar mais à frente, na ilustração 50.



Ilustração 38 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Fachada desprovida parcialmente de reboco (situação anterior à intervenção).

<sup>•</sup> Citando Túlio Espanca: “...o Dr. Banha de Andrade diz no volume 10, pág. 55, dos mesmos Cadernos, sob o título “Subsídios para a História da Arte no Alentejo” que “recebe a luz de esguias frestas góticas, com três gigantes de andares. Tem três capelas rasgadas nos corpos laterais e nos botaréis. Da época da fundação subsiste, embebido nos rebocos, um portal gótico de granito chanfrado. Reforma profunda em meados do séc. XVI, sacrificou a portada lateral, único vestígio do primitivo edifício. As pinturas situam-se por cerca de 1600.”

No lado norte, com comunicação para o interior da nave, foi igualmente colocada a descoberto após a remoção do reboco, uma porta encerrada com alvenaria. Por cima da porta e descentrado desta, ficou igualmente visível um arco de descarga de forças. A presença de uma soleira em granito, aliada ao facto de não haver qualquer indício que proponha a existência de alguma construção (capela ou outra), leva-nos a concluir que esta porta daria acesso ao exterior.

No entanto, é no mínimo curioso sob o ponto de vista estético, o seu desalinhamento com a fresta situada por cima, o que sugere a data da sua abertura numa fase posterior a esta.



Ilustração 39 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Porta emparedada no alçado norte – Vista exterior (situação anterior à intervenção).

Na parede voltada a nascente, no corpo do baptistério (lado direito da figura), encontrava-se na parte interior uma reentrância que levava a crer tratar-se de um nicho. Durante as obras de reabilitação da igreja, com a remoção dos elementos soltos (pedras e argamassa), revelou-se afinal a presença de um vão de janela que tinha sido anteriormente emparedado.

Na ilustração seguinte é visível, em primeiro plano à esquerda, a linha que contorna o vão emparedado, junto ao púlpito. No lado oposto a este, pode-se também observar o arco de entrada da capela de Nossa Senhora da Graça parcialmente encerrado, cujo acesso estava limitado a um pequeno vão.

Não existem registos que nos permitam determinar com rigor a data de execução destas intervenções.



Ilustração 40 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Porta entaipada no alçado norte – Vista interior (situação anterior à intervenção).

No alçado poente do campanário foi identificada a imagem de uma espada em esgrafito que, por questões técnicas, não se tornou possível a sua conservação durante as obras de 2005, ficando apenas registada documentalmente a sua presença. Esta imagem da espada poderá estar associada à iconografia de São Tiago.



Ilustração 41 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Espada em esgrafito encontrada no campanário - (situação anterior à intervenção).

Igualmente numa data da qual não existe registo, foi emparedado o portal de granito localizado no lado sul da igreja. A semelhança das técnicas e materiais utilizados sugerem que o encerramento dos vãos exteriores foi feito na mesma altura.



Ilustração 42 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago.  
*Portal de granito emparedado, visto do interior - (situação anterior à intervenção).*

Embora em muito mau estado de conservação, eram ainda possíveis de observar antes desta última intervenção, os arranques do altar da capela-mor e do altar da capela de Nossa Senhora da Graça, ambos compostos por alvenaria ordinária de pedra e tijolo.

Após o registo gráfico e fotográfico efectuado pela equipa de arqueólogos, o primeiro foi protegido e coberto com o pavimento final, tendo o segundo, pelo seu reduzido valor arqueológico e dado o seu estado de destruição e de alteração provocado por intervenções relativamente recentes, sido completamente removido.



Ilustração 43 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Altars: da capela-mor, à esquerda e da capela de Nossa Senhora da Graça, à direita - (situação anterior à intervenção).*

Em 1970, o Clube de Caçadores de Montemor-o-Novo começa a servir-se da igreja de São Tiago, utilizando-a como depósito de material. Na mesma altura é construído, com ajudas camarárias, o campo de tiro aos pratos junto ao adro da igreja. Entretanto, a sacristia da igreja sofre obras profundas a fim de albergar o vigilante do recinto do castelo. É encerrada a comunicação da igreja com a sacristia e construída uma lareira da qual se eleva, sobre o telhado, uma chaminé.

O clube de caçadores retira-se da igreja de São Tiago por volta do ano de 1997, deixando igualmente o campo de tiro aos pratos abandonado e sem qualquer utilização.



Ilustração 44 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Corpo da antiga sacristia.*  
*No seu interior (no lado direito da figura,) existiam ainda vestígios da última utilização - (situação anterior à intervenção).*

Nos finais dos anos oitenta, a Câmara construiu umas instalações sanitárias de apoio aos visitantes do castelo, junto ao alçado nascente da igreja.

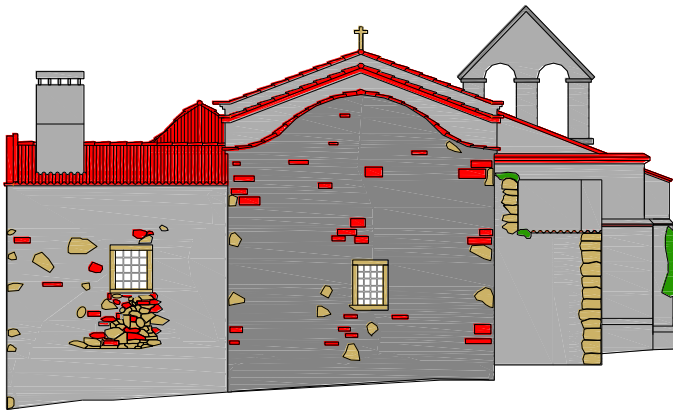
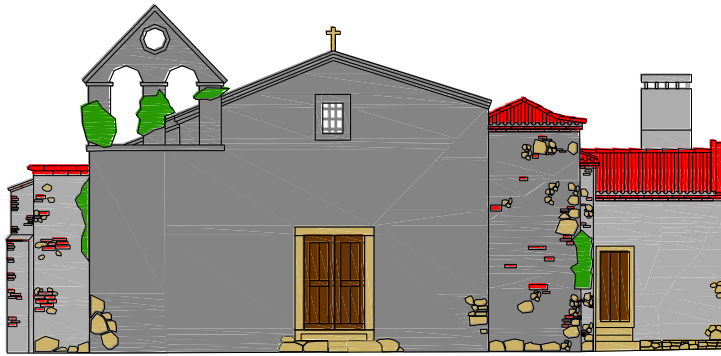


Ilustração 45 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Instalações sanitárias exteriores.*  
*(situação anterior à intervenção).*

## 1.5 – Materiais de construção

Para um melhor conhecimento dos materiais de construção que integram os vários elementos da igreja, iremos recuar à fase anterior ao início das obras de reabilitação da igreja de São Tiago a Centro Interpretativo do Castelo, para conhecermos tudo aquilo que se encontra por debaixo do reboco e da cal que actualmente cobre quase todo o edifício.

Os materiais que constituíam os alçados da igreja eram os indicados nas figuras seguintes:



### Legenda:

0 3m

■ tijolo ou telha  
cerâmica  
■ pedra

■ reboco  
(plano anterior)

■ reboco  
(plano posterior)

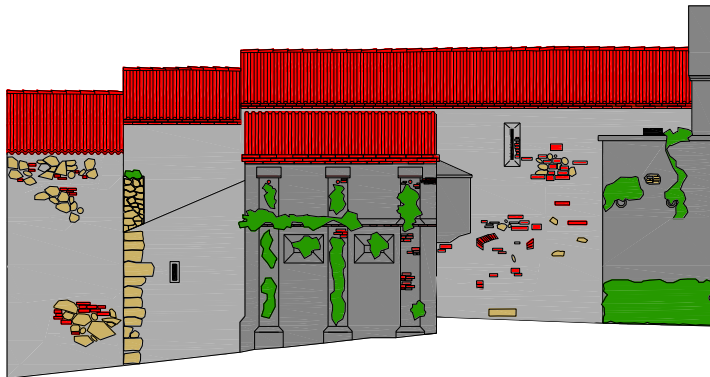
▤ ferro

■ madeira

■ vegetação

Ilustração 46- Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Materiais utilizados - Alçado poente (em cima) e nascente (em baixo)* (situação anterior à intervenção).

As áreas maioritariamente de reboco, eram interrompidas pontualmente pelos vãos ou pelos cunhais em pedra, como se verifica no compartimento a norte desprovido de cobertura, ou ainda pelas zonas de destaque do reboco, com maior relevo no alçado sul. Não foram encontrados nenhuns vestígios de caiação.



0 3m

**Legenda:**

- tijolo ou telha cerâmica
- reboco (plano anterior)
- pedra
- reboco (plano posterior)
- vegetação

Ilustração 47- Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Materiais utilizados - Alçado norte (em cima) e sul (em baixo) (situação anterior à intervenção).*

Os elementos cerâmicos repartem-se pela cobertura em telha de canudo, também conhecida como mourisca ou árabe, e pelos tijolos maciços que complementam as paredes de alvenaria



ordinária de pedra irregular. As áreas revestidas a reboco eram constituídas por argamassa de cal e areia (por inspecção visual).

As madeiras existentes na porta de entrada da igreja e da sacristia eram de carvalho e nas janelas do coro alto e da sacristia, de pinho e encontravam-se pintadas a tinta de esmalte.

As cantarias existentes nos vãos e na cruz situada na empena da fachada eram em granito bujardado.

O pavimento existente no interior era em terra batida, no entanto, dado o desnível entre a soleira da porta principal e a zona do interior da igreja, leva-nos a acreditar na existência de um revestimento anterior sobre este pavimento, provavelmente em lajetas de pedra.

## **1.6 – Sistema construtivo**

Quanto ao sistema construtivo, o edifício em alvenaria ordinária comporta-se como uma estrutura tridimensional em que a combinação dos vários elementos estruturais que delimitam os espaços, serve à constituição de células que se associam lateralmente ou se sobrepõem. Este aspecto foi certamente levado em consideração na concepção do edifício e nas soluções directamente relacionadas com a escolha do tipo de associação e de combinação dos blocos rígidos e das argamassas, assim como na definição do tipo de combinação e de ligação dos diversos elementos estruturais.<sup>14</sup>

Segundo a sua constituição interna ou “esqueleto”, o edifício é composto por uma estrutura rígida obtida pelos seus blocos elementares em pedra irregular sem faces aparelhadas e de pequena ou média dimensão, ou em tijolo, ligados por argamassa de cal e areia.

Estas alvenarias ordinárias são caracterizadas pela pouca relevância assumida pela forma dos blocos antes de terem sido assentes em obra e, por outro lado, pela importante função de aderência e de resistência da argamassa de ligação. A forma e dimensões de cada elemento pétreo foram certamente condicionadas pelo processo utilizado para a sua extracção, chegando

---

<sup>14</sup> As formas de composição dos diferentes elementos estruturais que compunham uma célula, e por sua vez as formas de composição das células entre si, eram condicionadas pelo conhecimento tecnológico e pela cultura arquitectónica dos seus construtores.

ao local da construção sem serem individualizados e podendo cada um ter sido utilizado *à priori* em qualquer zona da alvenaria. Nas alvenarias ordinárias de pedras irregulares, a disposição de cada elemento é escolhida de modo a assegurar o melhor travamento entre blocos, reduzindo o espaço entre eles. São utilizadas na repartição uniforme das cargas, de forma a permitir a coesão e a aderência dos diversos blocos, e na transmissão de continuidade na repartição de compressões. Verifica-se o escacilhamento de alguns elementos de forma a avivar os bordos que eventualmente se encontravam redondos, procurando assim reduzir os espaços intersticiais.

O sistema de transmissão de cargas da cobertura do edifício é em arcos e abóbadas, sendo o seu esqueleto constituído pela combinação de blocos denominados “aduelas”, dispostos radialmente em estruturas abobadadas. Cada aduela é indispensável à estabilidade da estrutura, ocupando uma posição específica que é função da sua forma.

Os sistemas abobadados são caracterizados pela condução das cargas a zonas singulares da estrutura complexa. As abóbadas da igreja de São Tiago que se destinam não só a cobrir o espaço recebendo directamente sobre o seu extradorso as telhas da cobertura, como também a suportar alguns pavimentos, descarregam o seu peso directamente sobre as paredes que, por sua vez, transmitem as cargas aos maciços de fundação. Os impulsos provenientes das abóbadas que são descarregados sobre os muros de perímetro, encontram resistência nestes, devido não só à massa do seu peso próprio, como também ao reforço proveniente dos contrafortes que atenuam a sua componente horizontal.

Estando na presença de terrenos firmes e sólidos, foi utilizado o sistema de fundações contínuas, tendo sido construídas sapatas ao longo das bases inferiores das paredes, com uma profundidade não superior a 4-5 metros, executadas com alvenaria ordinária de tijolo e pedra irregular.

## 1.7 - Quadro patológico da igreja

### 1.7.1 - Patologias dos materiais de construção

Neste capítulo irão ser apresentadas as patologias que existiam no imóvel, nomeadamente nos materiais pétreos que integram as paredes exteriores da igreja de São Tiago.

Os materiais pétreos são constituídos por uma série de minerais que os definem. Pelo facto de se encontrarem em desequilíbrio com o novo ambiente que os envolve e dadas as modificações do estado em que se encontravam na sua jazida, os minerais são também responsáveis pelas alterações das rochas, e neste caso, constituem os factores intrínsecos da sua meteorização. Os mecanismos e agentes de decaimento das rochas e materiais em geral, constituintes dos monumentos, estão também normalmente relacionados com factores extrínsecos, como físicos, químicos ou biológicos. No entanto, é igualmente importante a acção do homem tanto como criador ou restaurador, como enquanto praticante de acções mais ou menos vandálicas.

Os esquemas apresentados nos anexos I e II, traduzem realidades um pouco diferentes em termos de patologias, reflectindo-se na respectiva orientação de cada alçado.

Assim, tal como se pode constatar, o lado virado a norte era o que apresentava maiores problemas em termos de humidades, facto comprovado pela presença bastante acentuada de plantas superiores que cresciam, obviamente em maior número na base do monumento, a partir do solo, mas também em outros pontos, nomeadamente localizados perto de zonas de escorrência de águas pluviais, como as gárgulas. Outra presença constante e que derivava essencialmente da mesma razão, era a colonização biológica, sobretudo com a cobertura por musgos e líquenes que residiam, por exemplo, na zona dos contrafortes e junto à base do edifício, nas zonas com maior humidade. As eflorescências salinas apresentavam-se com maior evidência nas zonas onde ainda existia reboco e tinham uma cor esbranquiçada e aspecto cristalino pulveriforme, resultado da cristalização à superfície da argamassa, de sais solúveis acumulados no local, devido a migração por capilaridade e depositados após a evaporação da água, sob a forma de agregados cristalinos de fraca adesão. As formas de degradação relacionadas com o decaimento salino passam não só pela formação de eflorescências salinas,

como também por fenómenos de desintegração granular e enfarinhamento da superfície que, tal como aconteceu em algumas zonas do revestimento destas paredes, podem conduzir a perdas significativas do material.

A actividade dos sais solúveis ou a estabilidade dos depósitos salinos é condicionada pelo microclima, mais propriamente, em função da temperatura e da humidade do ar. Embora com uma área bastante inferior ao alçado oposto, existiam algumas zonas onde se verificou a remoção do reboco e ainda pequenas zonas onde não existia praticamente argamassa de assentamento da alvenaria.

No alçado sul, a realidade era completamente diferente. Aqui, ressaltava à primeira vista a quase ausência de vegetação directamente em contacto com o edifício. Apenas existia a presença de algumas ervas rasteiras e vestígios de uma trepadeira cuja raiz foi entretanto cortada fazendo com que secasse completamente, razão pela qual não foi assinalada nos esquemas dos anexos I ou II.

Em alguns elementos cerâmicos constituintes das paredes foi verificada a formação de cavidades com formas e dimensões variadas, que se atribui a fenómenos de erosão que originaram estas zonas escavadas com alguma profundidade e cujo aspecto era precisamente o de alvéolos.

Ocorrência semelhante à descrita anteriormente, podia ser encontrada também em determinadas zonas do reboco, como mostra a figura.



Ilustração 48 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Formação de alvéolos na argamassa do reboco - (situação anterior à intervenção).

Em frente ao portal de granito com arco em ogiva, entre os corpos da capela e do anexo das escadas de acesso ao coro alto, existia uma estrutura de ensombramento que permitiu o desenvolvimento de eflorescências salinas na zona rebocada anexa a este vão.

Neste lado da igreja, as zonas de carência de reboco eram significativamente mais evidentes, bem como as zonas de ausência de argamassa de assentamento, que se localizavam fundamentalmente, nos cunhais das paredes.

Junto à base do corpo do altar-mor, protegida da luz solar pela presença de um conjunto de arbustos e num local com bastante humidade, verificava-se a existência de uma finíssima

camada de cor verde, homogénea, de natureza biológica, na superfície dos elementos rochosos da alvenaria. Constituída geralmente por microrganismos, esta camada em questão é denominada por pátina biológica.

No alçado poente, provavelmente devido à presença da pérgola de ensombramento que cobria praticamente toda a fachada, ou ainda, quiçá, devido a uma maior preocupação dos funcionários camarários em manter esta zona da igreja mais limpa, a presença de plantas superiores resumia-se apenas à existência de pequenos arbustos junto ao campanário.

Uma enorme fissura estrutural que atravessava verticalmente toda a fachada na junção do campanário com a nave central, provocou o destaque do reboco, da alvenaria de apoio, em forma de grandes placas de argamassa. Esta fissura deve-se à incorrecta ligação entre os dois corpos, que permite que estes sofram deslocamentos diferenciados. Na figura seguinte observa-se a diferença entre os dois aparelhos de alvenaria, e o remate do corpo do campanário com o cunhal do corpo central, sem qualquer travamento.



Ilustração 49 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Fachada da igreja antes da intervenção.*

Sendo o lado da igreja que antes da intervenção de 2005 apresentava uma maior área revestida, o número de zonas atacadas por efervescências salinas era também superior em relação aos restantes alçados, o que poderia comprovar a proveniência deste fenómeno, das próprias argamassas.

Também aqui neste alçado e à imagem do que sucedia em todo o perímetro da igreja, não existia revestimento das paredes na zona da base. Isto deve-se ao rebaixamento da cota do pavimento exterior da igreja, que entretanto começou a revelar as fundações do edifício.

Uma vez mais realçamos o facto de este capítulo não se restringir unicamente ao estudo do decaimento dos materiais pétreos da igreja de São Tiago, dado tratar-se de um edifício de alvenaria ordinária, composta não só por pedra bastante irregular que, salvo raras excepções, se encontrava semi-ocultada pela argamassa de assentamento ou pelo reboco, mas também por tijolo cerâmico maciço. Deste modo seria bastante complicada e sem resultados práticos, a aplicação para este caso, da metodologia adaptada segundo a escola da Universidade de Aachen em que define quatro etapas para a realização do diagnóstico e representação gráfica das patologias:

- 1 – Mapeamento litológico;
- 2 – Registo, classificação e documentação das formas de decaimento (patologias);
- 3 – Mapeamento dos tipos de patologias;
- 4 – Medições e amostragens no monumento para mapeamento das intensidades de meteorização.

Seguidamente, serão apresentadas as patologias que se podiam encontrar nos blocos rochosos que compunham as alvenarias da igreja e que, devido ao facto de se terem mantido protegidos da acção directa dos factores externos de degradação, pela presença do reboco durante muitos anos, não eram, felizmente, em grande número.

Mancha ou sujidade<sup>15</sup> e alteração cromática,<sup>16</sup> são duas alterações que estão normalmente associadas, como se pode observar nos dois blocos rochosos da figura seguinte, onde em ambas ocorreu este fenómeno de alteração da cor, e com alguma policromia.

Verificava-se ainda a formação de cavidades com formas e dimensões variadas ou alveolização. Neste caso não se manifestava na rocha, mas na argamassa.



Ilustração 50 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Mancha, sujidade e alteração cromática* - (situação anterior à intervenção).

<sup>15</sup> Pigmentação accidental e localizada na superfície da rocha devido geralmente à presença de materiais estranhos ao substrato

<sup>16</sup> Variação de um ou mais parâmetros que definem a cor.

Na *arenização*, verifica-se a desintegração da rocha pela queda espontânea de fragmentos arenosos (grãos) e/ou pulveriformes (pó), com dimensões inferiores a 2mm. Em alguns casos analisados em determinadas zonas da igreja, com níveis muito avançados desta patologia, verificou-se uma desintegração granular pelo simples passar dos dedos sobre o material pétreo.

Trata-se do principal fenómeno de decaimento das rochas quartzo-feldspáticas, granito-gnaissóides, tendo como ligação directa o enfraquecimento das ligações físicas, que provoca o aparecimento de fenómenos de esfoliação e escamação (não verificados neste caso), e das ligações químicas, com a argilização dos feldspatos e cloritização dos minerais ferro-magnesianos, em especial das biotites.

Na figura seguinte observam-se, para além da arenização, fenómenos de arredondamento da forma com perda de pormenor, uma maior rugosidade originada pelos grãos salientes de quartzo, que se destacam após a arenização dos grãos de menores dimensões, geralmente de feldspato e ainda alguma colonização biológica por líquenes.



Ilustração 51 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Pormenor do parapeito da janela da capela-mor - (situação anterior à intervenção).

Entende-se por *fragmentação* a degradação da rocha provocada pela sua desintegração em grãos policristalinos de diâmetro médio (>2mm) e mais ou menos coesos. Na parte de baixo da figura anterior podemos também encontrar o exemplo deste fenómeno.

Alguns materiais pétreos constituintes das paredes da igreja apresentam fenómenos de fissuração que se traduzem na degradação manifestada pela formação de descontinuidades nas rochas, curtas, finas, com desenvolvimento discreto, nunca abertas nem atingindo os limites dos elementos considerados. A figura seguinte ilustra um dos poucos exemplos encontrados e cujas consequências são insignificantes para a estrutura das paredes.



Ilustração 52 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Fissuração* (situação anterior à intervenção).

A *separação em placas* é um tipo de degradação que se manifesta através do destacamento de pedaços das rochas em placas de espessura variável. Está de alguma forma associado ao fenómeno de falta, perda ou lacuna, que se traduz simplesmente na queda e perda de partes da rocha. Observou-se este fenómeno em algumas zonas do edifício, nomeadamente nos elementos pétreos implantados nos cunhais.



Ilustração 53 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Separação em placas* (situação anterior à intervenção).



As *eflorescências* são depósitos cristalinos que se manifestam pela formação superficial de substâncias, neste caso, de cor esbranquiçada, de aspecto cristalino e pulveriforme. Resulta da cristalização, normalmente à superfície dos materiais, de sais solúveis transportados através de migração por capilaridade, e depositados por evaporação, sob a forma de agregados cristalinos de fraca coesão, granulares e pulveriformes. Os sais acumulam-se nas paredes do edifício devido à presença de iões solúveis provenientes da alteração das rochas, solos e outros materiais. Poderão provir igualmente da atmosfera mais ou menos contaminada, ou ainda de metabolismo orgânico. Tais iões podem ser transportados em soluções aquosas diluídas e penetrar no interior dos materiais, circulando ou percolando através de poros, fissuras, fracturas, etc. Ao atingir a sobressaturação em relação a determinada fase salina, dá-se a precipitação da solução sobre o material, dando origem às *eflorescências* cuja composição química principal é a dos carbonatos, sulfatos, cloretos, nitratos e oxalatos. A cristalização pode também ocorrer no interior do material de suporte, provocando o desprendimento das suas camadas mais superficiais.



Ilustração 54 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Eflorescência salina* (situação anterior à intervenção).

A *pátina biológica* é representada por uma camada finíssima, suave, homogénea e aderente à superfície da rocha, e de natureza biológica, neste caso, de cor verde, constituída normalmente por micro-organismos. Alguns factores que originam a criação destes organismos biológicos estão relacionados com a presença da água em combinação prolongada com o ar; com a luz solar; com valores específicos de temperatura e pH do substrato e da atmosfera, ou as características morfológicas do próprio substrato.

Outro factor importante é, naturalmente, a espécie biológica que flui pela superfície do substrato. Observa-se também na figura seguinte, a presença de colonização biológica em níveis mais próximos do pavimento exterior.



Ilustração 55 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pormenor da soleira do vão emparedado no alçado norte* - (situação anterior à intervenção).

Os elementos metálicos existentes na igreja resumiam-se aos gradeamentos em ferro existentes nos vãos das janelas. Apresentavam um elevado nível de corrosão e em particular de ferrugem, que deteriorou o ferro por acção química ou electroquímica. Para tal, contribuíram não só a própria natureza do material, como também as condições climáticas, humidade relativa, temperatura, radiação ultravioleta, etc.



Ilustração 56 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Gradeamento em ferro na janela da cabeceira* - (situação anterior à intervenção).

Verificou-se este processo de degradação com maior intensidade na zona das entregas: nas ombreiras e parapeitos das janelas, atingindo mesmo em alguns casos o desligamento dos apoios.

Os únicos elementos em madeiras existentes na igreja encontravam-se na porta de acesso à igreja e na porta da antiga sacristia. Os restantes vãos estavam completamente desprovidos dos seus elementos.

A ilustração 58 mostra um pormenor da caixilharia de madeira do vão de entrada da igreja e como se pode observar, encontrava-se em avançado estado de degradação, tendo já sido reparada em diversas ocasiões, mas cujas intervenções tinham sido normalmente à base de aplicação de pequenos “remendos”.

Os factores de degradação atribuem-se, certamente, aos agentes atmosféricos (luz solar e chuva) que provocaram degradação superficial e às variações ambientais (secagem/humedecimento) que conduziram ao aparecimento de fendas. Outro factor que terá contribuído para o referido estado das madeiras prende-se com a degradação biológica e com a acção dos carunchos, cujos orifícios se podem facilmente observar na figura.

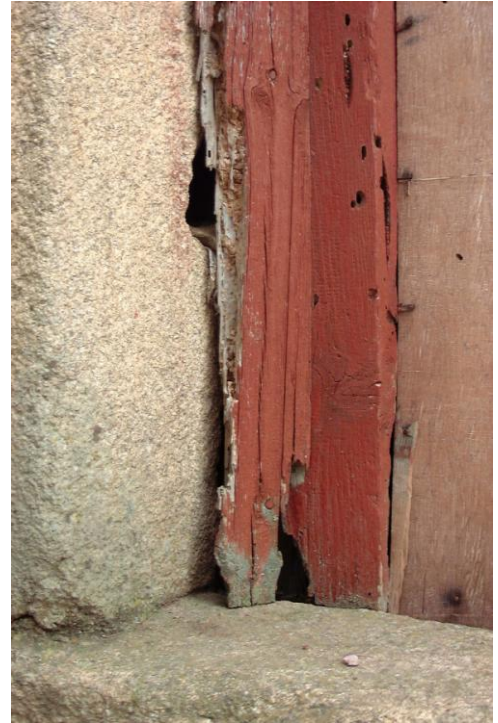


Ilustração 57 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Aspecto da caixilharia de madeira da porta principal (situação anterior à intervenção).

Segundo a norma que determina as classes de risco de aplicação de madeira maciça, para elementos que não se encontrem em contacto com o solo, mas que não estejam cobertos, como é o caso das caixilharias, cuja exposição à humidade é permanente e com um teor de água frequentemente acima dos 20%, atribui-se a classe de risco 1. Para além dos carunchos, os principais agentes biológicos são as térmitas, a podridão branca e a podridão castanha.

Como já foi referido anteriormente, as coberturas das diversas zonas da igreja cumpriram, no geral, a sua principal exigência funcional, ou seja, a estanquidade à água. Não se conhece a data da última intervenção realizada. Todavia, os únicos defeitos encontrados nas telhas cerâmicas têm apenas a ver com o seu aspecto envelhecido pela acumulação de musgos e detritos, algumas diferenças de tonalidade e diminuição da resistência face à sua natural degradação com o tempo.

### 1.7.2 - Problemas estruturais

A igreja de São Tiago apresentava vários problemas estruturais que se manifestavam com diferentes graus de intensidade em várias zonas do edifício.

Estes problemas estavam bem presentes, nomeadamente na cabeceira, na zona leste do edifício onde se verificavam assentamentos das fundações por deslizamento, devido à inclinação do terreno onde se encontra implantada a igreja. Esta particularidade, associada seguramente a factores relacionados com a própria natureza dos materiais do terreno de fundação e ainda às movimentações das terras na periferia do edifício, por acção das chuvas, provocaram efeitos de descompressão lateral do terreno, anteriormente confinado.



Ilustração 58 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Problemas estruturais no altar-mor* (situação anterior à intervenção).

No corpo da cabeceira, tal como se observa nas figuras anteriores, ocorreram deformações de tal modo acentuadas que provocaram a separação das alvenarias, nomeadamente nas situadas em planos perpendiculares. A fissuração que resultou destes movimentos afectou consideravelmente as exigências funcionais das paredes, através do efeito que teve essencialmente sobre a sua estabilidade e estanquidade, ao permitir a infiltração de água das chuvas, ar e poeiras, onerando as acções negativas sobre os seus materiais constituintes. Outro factor que contribuiu seguramente para a ocorrência de fendilhação está na falta de travamentos internos adequados e de ligação entre estas paredes.

No anexo situado sob o altar-mor, o assentamento das fundações era também reflectido na fendilhação e esmagamento existente nas paredes, provocando a queda de alguns dos seus elementos e o destaque do reboco, como testemunha a ilustração seguinte.



Ilustração 59 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Problemas estruturais na zona do ossuário* - (situação anterior à intervenção).

Tratando-se de fundações directas, as deficiências podiam estar também relacionadas com o envelhecimento dos seus materiais constituintes ou, ainda, com alterações na própria constituição das fundações. Distinguem-se, então, duas situações: por um lado, pode-se ter verificado a lavagem das fundações por águas subterrâneas, com o arrastamento dos finos constituintes da alvenaria da fundação, nomeadamente das argamassas de assentamento dos seus elementos; a outra situação poderia dever-se à meteorização das fundações provocada pela sua exposição após escavações periféricas superficiais ao longo dos anos provocadas pelas águas das chuvas. Nestes casos, o movimento ao nível das fundações provém da redução da secção de contacto entre a fundação e o solo, ou então da degradação das características mecânicas das suas alvenarias.

No que concerne às alvenarias, acima do nível dos pavimentos, não apresentavam no geral, grandes problemas de fendilhação, para além da zona atrás mencionada e de uma outra situação evidente, encontrada no coro alto e que se deveu, provavelmente, ao único caso descrito de fendilhação ocorrida na igreja, em resultado do terramoto de 1755. Não se encontravam elementos de reforço estrutural das alvenarias, nomeadamente perpianhos<sup>17</sup> ou elementos de ligações apropriadas entre paredes ortogonais através de tirantes ou blocos de travamento.

---

<sup>17</sup> Blocos de comprimento igual à largura da parede

Como se pode observar pela ilustração 61, as paredes e tectos apresentavam muitas zonas onde o reboco era completamente inexistente. A sua desagregação devia-se provavelmente ao efeito da humidade percorrida no interior dos elementos, associada à fraca resistência mecânica característica destes rebocos de cal.



Ilustração 60 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Vista parcial do interior* (situação anterior à intervenção).

No tecto da igreja, as abóbadas de aresta, em tijolo, limitadas por arcos perimetrais, estavam desprovidas de reboco pelas razões já anteriormente apontadas.

No exterior, o reboco encontrava-se sujeito à acção dos agentes climatéricos, temperatura, chuva e ventos abrasivos que transportam areias e poeiras, provocando desgaste contínuo.



Ilustração 61 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Aspecto da abóbada junto ao coro alto* (situação anterior à intervenção).

A ilustração anterior mostra parte da abóbada situada na zona do coro alto onde se pode observar a falta de alguns elementos de tijolo maciço que constituem uma das suas arestas.

Ao nível das coberturas, os vários corpos do edifício são ainda constituídos por diversas soluções no que diz respeito à geometria e forma estrutural.

Quanto à forma, a nave central e o corpo da capela-mor apresentam uma cobertura inclinada de duas águas, enquanto no corpo do altar-mor e da antiga sacristia, a cobertura é curva, acompanhando a forma estrutural das abóbadas. O corpo que inclui as escadas de acesso ao coro alto, assim como o da capela do Senhor das Chagas, têm a cobertura com três águas e cujo espigão remata na parede lateral da nave. A cobertura da capela de Nossa Senhora da Boa Morte é de apenas uma água.

A estrutura da cobertura apresentava um relativo bom estado de conservação, uma vez que o telhado ainda se encontrava intacto, sem nenhum arrancamento proveniente da acção do vento, algum deslizamento de alguma telha, ou outro defeito que pudesse provocar a perda de estanquidade à água ou colocar em causa as principais exigências que normalmente se colocam a este tipo de cobertura.



Ilustração 62 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Cobertura da igreja* - (situação anterior à intervenção).

No anexo localizado a norte da igreja, a cobertura ruiu completamente, permitindo a entrada de água da chuva, o que levou ao crescimento incontrolado de plantas e à consequente aceleração no processo de degradação de todo este corpo da igreja.

A estrutura seria constituída por madeira, dados os vestígios das entregas dos vigamentos, ainda observáveis na parede do edifício.



Ilustração 63 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Estado de degradação no anexo no lado norte, antes da intervenção. À direita podem-se observar os orifícios de entrega do antigo vigamento da estrutura da cobertura entretanto desaparecida.

Na zona do campanário, sobre o baptistério, a cobertura era em terraço e a sua estrutura provavelmente constituída por abóbada, com enchimento de nivelamento que recebia a camada impermeabilizante, a respectiva camada de protecção e a camada de acabamento.

Esta cobertura encontrava-se bastante coberta de vegetação e com os orifícios de escoamento das águas completamente obstruídos, o que agravava os problemas existentes de infiltração de águas das chuvas.



### 1.7.3 - Causas das ruínas

Alguns autores apontam o terramoto de 1 de Novembro de 1755 como a principal causa da ruína da maior parte dos edifícios do castelo, incluindo a igreja de São Tiago. O sismo atingiu a zona do castelo com grau de intensidade VI, enquanto que na parte restante, onde vivia a grande maioria da população, teria alcançado o grau VI a VII. No entanto, esta teoria não parece muito válida, dado o relato do próprio prior da igreja, o Padre Valentim da Costa Martins, “...*Em nenhum deles se experimentou perda ou ruína alguma, mais do que algumas fendas, não obstante terem sofrido fortes abalos*”. Na igreja, e ainda segundo relatos da época, apenas se arruinou o coro. Mas a causa que a maior parte dos historiadores defende, aponta para a fuga dos habitantes de dentro da cerca, para o arrabalde, a partir do séc. XVI-XVII, deixando os edifícios totalmente ao abandono. As casas são inclusivamente demolidas, sendo posteriormente reaproveitados os seus materiais na construção de novas, fora da cerca. Desde o início do séc. XVIII que a área intramuros se encontra desabitada e esta situação de abandono e desinteresse pelo recinto arrastou-se até aos nossos dias, particularmente em relação à igreja de São Tiago, onde a falta de manutenção e a inércia verificadas ao longo das décadas, permitiu que o edifício atingisse o estado de degradação a que chegou. De facto, durante muitos anos, a igreja serviu apenas como depósito de diversos materiais e de peças provenientes não só das pesquisas no interior do castelo, como também de vários outros locais da então vila de Montemor-o-Novo. A situação de incúria, aliada às remodelações sofridas no decorrer da sua história, reflectiu-se igualmente no mau estado de conservação em que se encontravam as pinturas murais. Outro facto que não abonou de modo algum a favor da protecção do monumento, prende-se com a decisão de colocar no coro-alto da igreja (*vide* ilustração 61), os dois depósitos de água que abasteciam a torneira instalada no exterior, junto à porta de entrada, aumentando assim as acções de sobrecarga sobre a estrutura do edifício.

A vegetação, que entretanto foi nascendo e se desenvolvendo ao longo dos anos nas próprias paredes e cobertura, ou em zonas demasiado próximas do edifício, acentuou ainda mais os problemas graves de fissuração que o imóvel apresentava. No interior do edifício, mais propriamente na zona do antigo baptistério, foram encontradas raízes nas alvenarias, cujo desenvolvimento no interior das paredes contribuía gradualmente para a destruição da estrutura do edifício, colocando em causa a sua estabilidade.

#### 1.7.4 - Proposta de conservação dos elementos construtivos

##### 1.7.4.1 - Alvenarias

Em primeiro lugar, antes de qualquer intervenção, é necessária a realização de um diagnóstico exaustivo do seu historial (intervencções anteriores como acrescentos e/ou demolições), bem como a análise do comportamento estrutural e funcional da parede de alvenaria (distinguir paredes estruturais e divisórias). Devem ser identificadas e registadas as principais patologias visíveis, distinguindo as que são estruturais das que não exercem acções influentes na estrutura das paredes. O levantamento das patologias existentes nas alvenarias da igreja, podia ter sido mais rigoroso, com o recurso a ensaios complementares, tais como: prospecções geotécnicas; verificação da evolução da abertura das fendas; de compressão sob provetes, ou análises de humidade e salinidade.

Era também importante o relacionamento dos sintomas verificados, com o apuramento das respectivas causas. Por exemplo, se a presença de manchas de humidade ou de eflorescências salinas provém da água precipitada pelas chuvas, de condensações, da água ascensional por capilaridade, ou de outra origem. Relativamente às fendas, era importante verificar se as causas estariam apenas relacionadas com o assentamento de fundações, ou se também com deformações da própria estrutura, com esmagamentos, ou ainda, se teriam origem em dilatações/contracções térmicas. No caso de o sintoma estar relacionado com a própria degradação dos materiais da alvenaria, era também importante saber se essa degradação é biológica ou química, se houve remoção do material das juntas, ou se apenas houve esboroamento ou queda de alguns elementos constituintes da alvenaria.

Para a determinação das patologias dos materiais pétreos das alvenarias do monumento foram apenas aplicados dois métodos de análise não destrutiva: o exame macroscópico, através da inspecção visual pormenorizada e a análise fotográfica. Trata-se de meios de aplicação relativamente simples e imediata, de avaliação do estado do monumento e que dispensam o uso de equipamento sofisticado e de equipas de especialistas para o seu manuseamento. Além destes dois métodos de análise não destrutiva, ou seja, que permitem a observação e o estudo dos objectos sem que seja necessária a sua alteração, existem também as análises de imagem, por fotogrametria, por termografia e termovisão e por determinações ultra-sónicas, que poderiam ter

sido utilizados no levantamento das patologias existentes. Existem ainda outros métodos de análise, atrás referidos, usados no estudo do património cultural construído, mas exigem que a amostra retirada do monumento sofra alguma manipulação, de modo a permitir a aplicação das técnicas de análise. Não foram aplicados nesta obra, dado o equipamento e pessoal especializado que seriam necessários.

Na intervenção de reabilitação das alvenarias, existem alguns princípios que foram seguidos com maior ou menor rigor, consoante as condicionantes encontradas. Assim, deve-se, sempre que possível, recorrer a técnicas e materiais que minimizem a alteração das características de rigidez da construção e do funcionamento estrutural original. Essas técnicas e materiais não devem permitir o aparecimento de novas patologias nas alvenarias, por apresentarem diferentes comportamentos físicos e/ou químicos, relativamente aos materiais existentes.

No que diz respeito às humidades, os diferentes tipos indicados anteriormente, são também “combatidos” com diferentes métodos de intervenção, que passam pela aplicação de hidro-repelentes, no caso de humidades nas paredes provenientes das chuvas, de produtos biocidas, no caso de condensações, e da criação de “barreiras químicas” com produtos específicos, que bloqueiam a subida capilar da humidade.

#### 1.7.4.2 - Revestimentos

Relativamente ao revestimento das paredes da igreja, dada a sua grande exposição às acções externas (climatéricas, humanas, etc.), é certamente um dos elementos mais sujeitos à degradação. Desempenha um papel importante na protecção das alvenarias assim como na própria imagem do edifício, pelo que, deve ser igualmente alvo de inspecções periódicas e de acções de conservação. As inspecções deverão passar pela observação de eventuais aparecimentos de fissuras, deformações, zonas com falta de coesão, ou seja, com perda da resistência mecânica de camadas de reboco, devida ao enfraquecimento das ligações entre partículas, provocando o surgimento de várias outras anomalias como: descamação, desagregação e pulverulência. Em caso de necessidade de reposição de alguma zona do reboco, é essencial continuar a manter os materiais e soluções originais.

Uma pintura adequada para os paramentos exteriores do edifício deve ter em conta, não só a sua semelhança estética, como também o seu comportamento em contacto com a água, não

devendo ser demasiado impermeável, de forma a permitir a evaporação da água contida nos suportes e argamassas. Além disso deve oferecer resistência às acções externas aumentando a sua durabilidade. Daí que, de acordo com o que foi utilizado nas obras de restauro de 2005, o recurso à pintura com cal, ou caiação, é uma boa solução em intervenções futuras, recomendando-se a utilização de cal aérea em pasta, bem apagada, em detrimento da cal aérea em pó, de forma a garantir um maior poder de cobertura, melhor aderência ao suporte e maior durabilidade. A caiação deve ser feita em camadas de pequena espessura e com a parede húmida, para não fissurar. A tinta de cal pode ainda ser aditivada com uma resina acrílica adequada e na quantidade apropriada, para obter uma maior durabilidade e resistência, de modo a não endurecer e tornar quebradiça a camada de pintura e não reduzir significativamente a sua permeabilidade ao vapor de água

#### 1.7.4.3 - Cobertura

Um bom desempenho por parte da cobertura não depende apenas das características dos materiais cerâmicos empregues (telhas e acessórios), mas do bom desempenho de cada um dos elementos que a constitui e da forma como foi concebida e executada. Para o bom funcionamento no seu conjunto, existem várias exigências funcionais, das quais se destacam por assumirem um papel fundamental, o comportamento mecânico, a estanquidade à água, o comportamento térmico e a durabilidade. No que diz respeito em particular à contribuição da telha cerâmica, uma vez que é o elemento mais em contacto com as acções externas e daí talvez o mais importante no desempenho da cobertura, os aspectos mais relevantes a considerar são para além da estanquidade à água, da estabilidade sob a acção do vento ou de outras eventuais acções mecânicas, a susceptibilidade de condensações e os isolamentos térmico e acústico. Os defeitos que normalmente aparecem associados às coberturas dos edifícios históricos têm a ver com vários factores. Desde logo, com a fractura das telhas face à sua natural degradação com o tempo, à circulação de pessoas para acções de manutenção, com a acumulação de lixo e vegetação que impedem o livre escoamento das águas, ou ainda com o deslocamento de telhas sob a acção do vento. Tudo isto poderá provocar infiltrações que irão contribuir para a degradação das estruturas de madeira, com deformações progressivas significativas e apodrecimento dos seus elementos: varas e ripas, no caso das coberturas da igreja de São Tiago.

Por forma a prolongar as características de protecção ao edifício por parte da cobertura, devem-se efectuar revisões periódicas, removendo todo e qualquer tipo de vegetação e sedimentos acumulados por acção do vento ou outros agentes atmosféricos, através, se necessário, de lavagem por pressão. No caso de verificar-se alguma cedência ou deformação de alguma das águas, deve-se levantar a zona afectada e analisar a causa do problema. Devem-se substituir todos os elementos (telhas, acessórios, madeiras ou outros) danificados, se possível por elementos iguais.

#### 1.7.4.4 - Cantarias

No que concerne às pedras de cantaria existentes no vão da porta de acesso à igreja, na soleira do vão encerrado entre o arco localizado no alçado norte, ou no portal do alçado sul, que entretanto não foram revestidas, o seu estudo já poderia ser mais aprofundado e serem aplicados os métodos julgados necessários pelas equipas especializadas. Contudo, o estudo destes métodos estão igualmente fora do âmbito desta dissertação. As patologias que se observaram nestas rochas, embora com presença pouco significativa, foram a fragmentação, a pátina biológica e alguma colonização biológica.

Para a sua conservação poderiam ter sido aplicados alguns métodos como a limpeza, a sua consolidação e ainda a sua protecção. Porém, pela análise da relação custo-benefício, nenhuma destas operações se veio a realizar durante a obra. Deixamos aqui algumas considerações sobre estes tipos de intervenções, que poderiam ter sido adoptadas caso se viessem a justificar. A limpeza, como qualquer operação de restauro, apresenta argumentos a favor e argumentos contra. Como operação de limpeza, poderia ser retirada a camada de sujidade que recobria a pedra, uma vez que, por um lado, faz acentuar o efeito de variação térmica e ao deformar-se arranca fragmentos da rocha, e por outro, actua como um emplastro que mantém *in situ* os poluentes e os produtos de alteração como ácidos, sais, etc, e que, sob o efeito de variações higrométricas, aceleram o processo de alteração. Para a limpeza dos materiais pétreos existem variadas técnicas que poderiam ser aplicadas consoante a natureza das sujidades, as características minero-físico-químicas da rocha e o seu estado de conservação.

Os argumentos que vão contra a limpeza dos monumentos alegam que a remoção da sujidade não é correcta, uma vez que constitui uma protecção e para além disso as operações de limpeza, que têm custos elevados, terão de se repetir sempre que a sujidade reaparecer. Alguns especialistas defendem que a pátina atribui um carácter histórico ao monumento, que a limpeza irá retirar. Existem ainda consequências nefastas provenientes das operações de limpeza, como a absorção de excesso de água pela rocha que, dependendo do método utilizado, pode modificar as condições nanoclimáticas de locais abrigados, eventuais infiltrações pelas juntas, etc.

Uma operação de consolidação supunha a aplicação de um método que melhorasse as características de coesão entre os constituintes da rocha. Deveria não apenas melhorar a resistência mecânica do material, como também modificar a sua estrutura interna, de modo a dificultar o acesso e migração interna da água e dos sais. Os consolidantes a aplicar poderiam ser de natureza orgânica ou inorgânica.

Quanto às acções de protecção, têm a finalidade de evitar ou atrasar as acções de decaimento dos materiais pétreos, provocadas pela meteorização e poluição.

Um correcto agente protector terá de apresentar principalmente as seguintes qualidades: influenciar o menos possível as propriedades ópticas do material a proteger; ser estável aos agentes químicos, em especial aos ácidos poluentes da atmosfera e às radiações ultravioleta; ser impermeável à água em estado líquido e permeável sob a forma de vapor; quando a acção protectora cessar, deverá ser possível a sua remoção; não haver subprodutos perigosos e ser de fácil aplicação.

Os materiais pétreos que constituem as paredes de alvenaria da igreja de São Tiago terão sido, de acordo com o estudo efectuado, recolhidos na região de Montemor-o-Novo.

Apesar de a igreja ter sido construída há já vários séculos, os blocos rochosos que a compõem não apresentavam um grande número de formas de decaimento. As razões poderão estar certamente ligadas ao facto de o edifício se encontrar situado num local protegido das acções directas do clima como o vento e a poluição.

O próprio edifício, atendendo à forma e à sua dimensão, não exerce grande influência em termos de acções directas sobre a estrutura dos materiais. Por outro lado, o facto de terem estado protegidas pelo reboco, impediu o seu contacto directo com factores de decaimento.

## **2ª PARTE:**

### **O Projecto e a Obra de Reabilitação da igreja**

## 2.1 - Enquadramento

O programa de recuperação e revitalização do castelo foi elaborado e aprovado pela Câmara de Montemor-o-Novo em 1997. Propunha alcançar vários objectivos, como a valorização dos recursos histórico-culturais, através da requalificação de todo o espaço interior e exterior do recinto amuralhado e das ruínas existentes. Um segundo objectivo visava o estudo gradual das sucessivas fases da ocupação humana e a sua integração cultural. Finalmente, o programa pretendia desenvolver o processo de recuperação ecológica e lúdica do Rio Almansor, que envolve a colina do castelo do seu lado sul.

Surgiu então a necessidade de ser criado um local onde fosse possível relacionar o espaço com a comunidade escolar, científica, e com a população em geral, numa vertente pedagógica.

Foi assim resgatada a igreja de São Tiago, a fim de ser reabilitada como Centro Interpretativo do Castelo. Pretendia-se a criação de condições que permitissem aos visitantes utilizar o espaço como um local acolhedor, onde pudessem conhecer um pouco da história de Montemor-o-Novo, nomeadamente através da recolha dos materiais arqueológicos já recuperados e dos que venham a ser entretanto encontrados durante as campanhas ainda em curso, assim como pelo uso de instrumentos informativos e educativos (fotografia, desenho, suportes multimédia, etc.). A compreensão do passado e o desenvolvimento de acções que responsabilizem a população em relação ao seu próprio legado histórico, de modo a conduzir para uma verdadeira requalificação de todo o conjunto do castelo, serão igualmente objectivos a juntar aos anteriormente referidos. O local revela-se polivalente, servindo de centro de acolhimento, com um atendimento que não só transmite informação sobre o monumento em si, mas também a necessária formação relativa às raízes históricas de todo o antigo burgo medieval, começando por uma evolução cronológica, passando pelos acontecimentos históricos mais marcantes e não esquecendo o espólio, que existe já em grande número.

Até finais dos anos sessenta, a igreja servia como repositório de várias peças de arqueologia artística, tumular e heráldica, não só do local, como de vários pontos da cidade. Nessa altura, as peças foram transferidas para o Convento de São Domingos, que outrora pertencia à antiga freguesia de São Tiago. Neste momento aguardam a oportunidade de um retorno à igreja de São Tiago para uma exposição digna e contextual.



Após pesquisa entre o espólio agora localizado no Convento de São Domingos, foi encontrado aquela que, segundo o responsável pelo convento, crê-se ser a base do púlpito da igreja de São Tiago. Na altura da intervenção ponderou-se a sua recolocação no respectivo lugar, mas dada a incerteza existente quanto à sua origem, optou-se pela sua não colocação até que a sua proveniência seja comprovada.



Ilustração 64 - Algumas peças recolhidas e depositadas no Convento de S. Domingos em Montemor-o-Novo.

Tal como já referido, a igreja de São Tiago terá sido construída numa zona anteriormente habitada. Ao recuperar o edifício da igreja, esperava-se uma requalificação paralela do espaço envolvente, numa fase posterior, a fim de permitir uma melhor compreensão do conjunto.

De facto, continua a ser intenção da autarquia, articular a igreja com a sua área envolvente directa, como local educativo, informativo e interactivo.

Um elemento não pode ser dissociado do outro, sob pena de se entender a igreja como um elemento isolado. Assim, as estruturas de casas, muros, calçadas, necrópoles e alguns silos encontrados nas intervenções arqueológicas, na envolvente da igreja, continuam a ser alvo de limpeza, conservação, protecção e de implantação das necessárias estruturas, por parte da autarquia, com a colaboração do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR).

Para a realização das obras de reabilitação da igreja de São Tiago, a Câmara de Montemor-o-Novo elaborou dois concursos, com o apoio do antigo IPPAR: um para as obras em geral, e outro apenas para a recuperação das pinturas murais, dado tratar-se de um campo muito específico, exclusivo de empresas e profissionais especializados.

## **2.2 - Descrição do projecto de intervenção**

Um dos capítulos que gera normalmente polémica na área da conservação do património histórico, diz respeito às técnicas e materiais a utilizar. A principal preocupação na concepção deste projecto foi a de recuperar o aspecto e qualidade original do edifício, sempre que possível recorrendo à utilização de materiais e tecnologias utilizados na sua construção primitiva. Procurou-se assim manter a identidade do edifício, de modo a transmiti-la às gerações futuras, assegurando a continuidade do seu passado.

### **2.2.1 - Intervenção arquitectónica**

O projecto para a recuperação e reabilitação da igreja de São Tiago como Centro Interpretativo do Castelo, veio praticamente a reflectir-se no final da obra, dado ter-se verificado o seu cumprimento quase na íntegra.

Quanto ao uso dos espaços, o edifício ficou distribuído conforme foi descrito anteriormente no capítulo 1.3, e de acordo com o projecto, à excepção da zona da antiga sacristia, onde actualmente se encontra o gabinete do castelo. Projectou-se inicialmente esta zona dividida em duas, com a aplicação de uma separação em pladur, a fim de criar um compartimento para arrumos. Contudo, por questões práticas e também como forma de ampliar o gabinete do castelo, optou-se por deixar o espaço aberto.

O pavimento flutuante em madeira da nave foi assente sobre estrutura de madeira. A base foi executada tendo igualmente como preocupação a sua possível remoção futura sem danificar qualquer elemento original, com a aplicação de placas de betão pré-fabricado assentes sobre uma camada de brita miúda. De referir ainda que todas as zonas de escavações arqueológicas, após terem sido devidamente levantadas e documentadas, foram protegidas com manta geotêxtil e posteriormente preenchidas com areia.

Nas instalações sanitárias e após os técnicos especializados terem confirmado a inexistência de qualquer elemento interessante do ponto de vista arqueológico, foi colocado o pavimento mosaico cerâmico assente sobre uma betonilha de regularização e camada de

enchimento, de modo a obter as cotas previstas no projecto, em betão leve, constituída por mistura de inertes de argila expandida com cimento.

As paredes exteriores e interiores, após a colmatação das fendas e fissuras existentes com a injeção de grout, foram rebocadas com argamassa de cal e areia, com aplicação de diferentes traços previamente estudados, conforme a zona específica a revestir, e posteriormente caiados. Houve o cuidado específico nas zonas de fronteira com as áreas de pintura mural, tendo sido controlados todos os procedimentos pela técnica especialista de restauro. Nos tectos foi realizado o restauro do reboco e da caiação, dos quais ainda se podiam observar pequenos vestígios, e cuja ausência praticamente integral poderá ter tido origem pela sua degradação natural ou então, fruto da marca do homem em determinado período da história do imóvel.

Para o acesso ao púlpito, que entretanto foi removido, foi construída uma estrutura em aço, amovível, e colocada sobre os degraus existentes em alvenaria de pedra entretanto consolidados. Junto à porta principal do centro interpretativo foi colocado um guarda-vento interior em vidro temperado, incolor, que inclui uma faixa em fosco e destaque do logótipo da Câmara Municipal.

Na fachada do edifício procedeu-se à remoção dos degraus em pedra irregular, sem interesse arquitectónico ou histórico e colocados há relativamente poucos anos. Em sua substituição, foi colocada uma rampa com estrutura em aço inox e preenchimento em lajetas de granito, para vencer a altura da soleira e permitir o acesso a todas as pessoas. Foi igualmente removida toda a cablagem de electricidade e telefones existente, que contribuía negativamente para a imagem do edifício, tendo-se optado pela alimentação destas redes através de infra-estruturas enterradas.

No corpo da antiga sacristia, o vão da porta de entrada estava inicialmente previsto ser substituído por uma janela, concebida estilisticamente a partir das existentes no alçado virado a nascente. Tratava-se de uma decisão, no mínimo polémica, uma vez que esta porta existiria já desde a construção deste corpo da igreja e por outro lado, em termos de funcionalidade não se justificaria ali a presença de uma janela dada a iluminação natural já garantida pelo outro vão da parede oposta. Após alguma discussão e ponderação, decidiu-se manter a porta.

No alçado sul, para além do reboco e caiação, previstos à semelhança dos restantes alçados, foram colocados envidraçados nas frestas existentes.

O portal de granito foi novamente aberto e transformado em janela, permitindo um aumento considerável da iluminação natural da sala polivalente. Colocou-se na altura a questão sobre a segurança contra intrusão, uma vez que se trata de uma grande área de envidraçado à mercê do vandalismo. Optou-se então pela colocação de um vidro temperado com espessura tal que aumentasse consideravelmente a sua resistência à quebra, e pela adição de portadas interiores para vedar o acesso visual fora do horário de abertura do Centro.



Ilustração 65 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Portal de granito antes da intervenção (à esquerda) e depois da intervenção (à direita).

Os contrafortes, cobertos parcialmente pelas duas capelas laterais, tal como os existentes no lado oposto, na sala de exposições situada na antiga capela de Nossa Senhora da Graça, sofreram igualmente obras de restauro ao nível dos topos, constituídos por tijoleira cerâmica.

O alçado nascente foi também sujeito aos trabalhos de reboco e caiação já aqui amplamente referidos. Foram ainda realizadas intervenções nas duas janelas, ao nível das caixilharias de madeira e dos gradeamentos em ferro. Atendendo ao seu estado avançado de degradação e de podridão irreversíveis, foram substituídos os vãos existentes por novos, obedecendo naturalmente ao desenho original.

A alteração mais evidente verificada neste alçado, resultou da remoção da chaminé do corpo da antiga sacristia, o que permitiu a reposição da verdade histórica do edifício.

No alçado norte, durante os trabalhos de limpeza e remoção do reboco no anexo que se encontrava sem cobertura, junto ao altar-mor, verificou-se a existência de um vão, que havia

sido encerrado e revestido com reboco. De imediato foi decidida a manutenção do vão com as dimensões originais, o que permitiu, ao mesmo tempo que se retribuía a traça primitiva de um determinado período do imóvel, criarem-se também os efeitos práticos da entrada de luz natural naquela sala de exposições.

Neste anexo foi igualmente reconstruído todo o telhado, à mesma cota que teria inicialmente<sup>18</sup>. A telha de canudo foi assente sobre chapas onduladas, apoiadas em estrutura de madeira, com a inclusão de placas de isolamento térmico e acústico, e no interior foi colocado um tecto falso em gesso cartonado.

Para a sala de exposições implantada na antiga capela de Nossa Senhora da Graça, o projecto determinou a reabertura das frestas localizadas entre os contrafortes, que se encontravam encerradas com argamassa, e a sua substituição através da colocação de envidraçados, com os mesmos propósitos atrás referidos.



Ilustração 66 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Vista da zona do arco antes da intervenção (à esquerda) e depois da intervenção (à direita)

Com a aplicação do revestimento em reboco nas paredes da igreja, o arco existente, assim como o vão da porta e a respectiva soleira em granito, foram totalmente cobertos, ficando o seu testemunho unicamente a nível documental.

---

<sup>18</sup> Obtida através da observação da localização do anterior vigamento (*vide* ilustração 64).

## 2.2.2 - Intervenção estrutural

Ao nível da estrutura, e face à situação bastante grave em que se encontrava o edifício, teve de recorrer-se a soluções de repercussão imediata, de forma a travar a evolução das deformações e garantir a estabilidade e segurança. Naturalmente que a introdução de elementos estranhos ao edifício geraria sempre alguma controvérsia, mas as opções de projecto disponíveis, assim como o factor económico que normalmente (e infelizmente) pesa mais na altura de decidir, acabaram por levar, entre outros, à colocação de tirantes a atravessar toda a largura da nave. A consolidação da super-estrutura foi feita através essencialmente de pregagens e, como atrás foi referido, pela aplicação de tirantes com 25mm de diâmetro, em aço inox, cujo aperto não deverá provocar tensões superiores a 5 MPa, e que atravessam a nave em vários locais previamente definidos, de forma a não permitir a desagregação dos vários corpos que compõem o monumento.

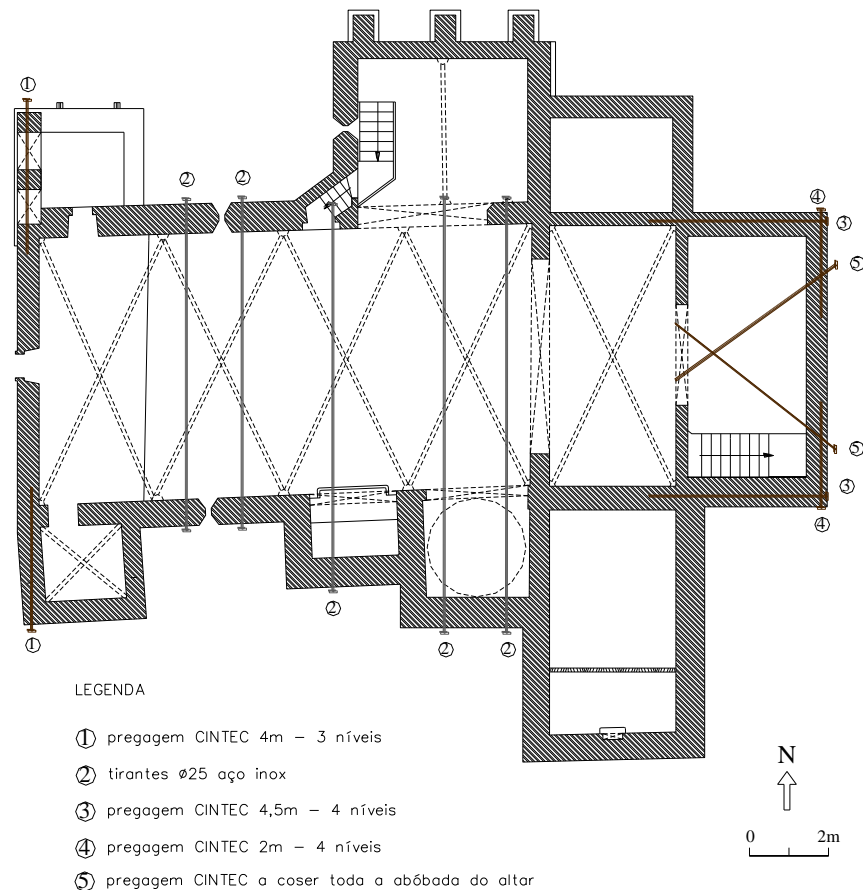


Ilustração 67 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Planta do Reforço estrutural.

Foram executadas pregagens na fachada do edifício, de forma a reforçar a ligação do corpo da nave central, com o corpo do baptistério e campanário de um lado, e com o corpo das escadas, do outro. Foram colocados três pregos com quatro metros de comprimento, em três níveis diferentes de cada uma das duas zonas referidas anteriormente. A zona da cabeceira foi reforçada, conforme indicado na ilustração 68, com pregos colocados octogonalmente na zona dos cunhais, e ainda com pregagem cruzada na abóbada.

As pregagens foram executadas após uma furação pré definida com 30mm de diâmetro e comprimentos de 2, 4 e 4,5m, feita à rotação sem percussão, para posterior inclusão dos pregos. Como se pode observar pela figura, os pregos são compostos por um varão de aço inox de 22mm de diâmetro, revestido com uma manga de poliéster, preenchida por uma calda de injeção inorgânica, introduzida por pressão que não ultrapassou os 5 bar, e controlado o seu total enchimento através de um tubo que posteriormente é retirado.



Ilustração 68 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Pormenor da pregagem*

Ao nível das fundações, inicialmente estava projectado o reforço da estrutura com a aplicação de micro-estacas e injeção de betão na base das paredes, uma vez que se julgava que grande parte das fissuras existentes, sobretudo na cabeceira, seria proveniente de eventuais assentamentos na base da estrutura. Porém, após uma escavação bastante cuidada naquela zona, e na presença do técnico responsável pelo projecto de estruturas, verificou-se a inexistência de assentamentos diferenciados, tendo aquele engenheiro de estruturas optado pelo reforço através do aumento do número de tirantes inicialmente previsto. Os trabalhos de escavação foram

devidamente acompanhados por uma equipa de arqueólogos e antropólogos, dada a necessidade de avaliação do estado das fundações em zona de possíveis necrópoles.

Nesta zona inferior da cabeceira, no compartimento correspondente às instalações sanitárias, houve uma outra intervenção que mereceu cuidados redobrados, com a instalação dos ramais das redes de esgoto e de abastecimento de água, por entre a estrutura frágil das paredes. Também nestes trabalhos houve o acompanhamento da equipa de arqueólogos. Porém, sob o pavimento interior não foram encontrados quaisquer objectos de interesse.

As abóbadas foram consolidadas através da aplicação, no seu extradorso, de uma betonilha ligeiramente armada com rede electrosoldada. Por cima desta betonilha foi impermeabilizada toda a zona da cobertura através da aplicação de telas asfálticas. Foi também preenchida a aresta incompleta de uma das abóbadas, com os tijolos cerâmicos maciços que entretanto haviam caído, mas que puderam ser reintegrados.

No que concerne aos trabalhos de restauro das pinturas murais, a sua intervenção foi realizada pela equipa especializada em restauro, ao longo de três etapas distintas. Em primeiro lugar, foi recolhida toda a informação que permitisse estudar e registar o estado de conservação das pinturas e do seu suporte, assim como obter a caracterização do ponto de vista técnico e estilístico, e ainda efectuar o levantamento dos materiais e cores utilizados originalmente.



Ilustração 69 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Picagem do reboco na zona de uma pintura mural.*

Como se pode observar pela ilustração anterior, em resultado da preparação para a aplicação do reboco na camada seguinte, as paredes eram previamente picadas, o que dificultou ainda mais os trabalhos de restauro em algumas zonas.



Numa segunda fase dos trabalhos, procedeu-se à remoção bastante cuidada dos materiais estranhos às pinturas, incluindo as camadas sobrepostas de reboco, e à limpeza dos depósitos de sujidade superficial. Em algumas zonas do suporte que se encontravam em destacamento, houve a necessidade de se proceder à sua pré-fixação através da injeção de um produto fixador, de forma a garantir uma boa estabilidade para as fases seguintes de tratamento.



Ilustração 70 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. *Injecção de fixador no suporte das pinturas.*

Foram eliminadas todas as zonas que continham espaços ociosos entre as camadas, através da sua consolidação com recurso a diversos métodos e materiais, consoante as características físicas da estrutura original, garantindo assim a coesão dos substratos e suporte das pinturas murais. O preenchimento das lacunas, originadas principalmente pelas picagens efectuadas às paredes, foi tratado de forma diferente, consoante a extensão e profundidade verificadas.

Na última fase da intervenção, procedeu-se à reintegração pictórica de todas as lacunas existentes, de forma a valorizar a leitura do conjunto, e ao mesmo tempo criar uma harmonia entre as várias campanhas e as restantes áreas desprovidas de pintura mural. Para tal, foram adoptados os critérios recomendados para todas as operações de conservação e restauro, nomeadamente pelo recurso a materiais com carácter de reversibilidade em possíveis intervenções futuras.

### 2.2.3 - Intervenção no espaço exterior

A intervenção no espaço exterior não foi acompanhada por um projecto específico de arquitectura paisagista. No entanto, houve a necessidade de se proceder a algumas acções mais ou menos urgentes neste âmbito.

O edifício dispunha de alguma vegetação de proximidade como trepadeiras, árvores, sebes, etc., que, pelo facto de não se encontrar devidamente cuidada, surgiu a necessidade de equacionar a sua presença. Para além da acção negativa que esta vegetação exercia sobre a estrutura do edifício, a presença destes elementos retirava a leitura do monumento, anulando a sua percepção a partir de alguns pontos panorâmicos. Assim, procedeu-se à remoção da pérgola e de toda a vegetação em contacto com aquele elemento cultural. Removeu-se também toda a restante vegetação que se encontrava morta, decrépita ou com problemas de estabilidade. Houve uma atenção particular para toda aquela vegetação cujo sistema radicular estava a causar danos na estrutura do edificado. As árvores foram devidamente conduzidas, retirando-lhes os ramos secos, de forma a assegurar o adequado desenvolvimento da mesma.

Ao nível do mobiliário urbano e equipamentos, foi também removida toda a estrutura do campo de tiro, a pérgola, alguns bancos e mesas em betão, e outros elementos que não dignificavam o espaço exterior.



Ilustração 71 - Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. Vista parcial do espaço exterior em frente ao centro interpretativo.

O terreno ao longo da periferia do edifício foi remodelado e elevado à cota anteriormente existente. Foi colocada ao longo dos alçados poente e norte, uma faixa com cerca de 2m de largura, em lajetas de granito.

Esta faixa é interrompida no limite da parede que separa as duas salas de exposição a norte, por uma outra com a mesma largura, mas em calçada miúda de granito, e que conduz os visitantes ao edifício das instalações sanitárias localizado a nascente. Estas passadeiras não só facilitam a circulação de pessoas, nomeadamente de mobilidade condicionada, como também permitem uma diminuição da sujidade que se acumula nas paredes, principalmente em dias de chuva.

O edifício das instalações sanitárias, anteriormente referido, foi sujeito igualmente a uma obra de remodelação, realizada em simultâneo com a obra de reabilitação da igreja, tendo mantido a sua função de apoio aos visitantes do castelo.



Ilustração 72 - Montemor-o-Novo. *Aspecto actual do edifício das instalações sanitárias exteriores à antiga igreja de São Tiago.*

Mas estas pequenas intervenções não são suficientes para a dignificação plena do edifício e da sua envolvente. É imperativa uma intervenção neste espaço, que venha acrescentar algum valor simbólico ao valor do monumento e que não passe forçosamente pela simples remoção da vegetação ou de todos os elementos estranhos, mas por uma composição harmoniosa de interligação com a antiga igreja, pois destacá-la simplesmente, não significa dar-lhe dignidade. Não se poderá então confundir a valorização do espaço com a sua alteração, de um modo radical.

Torna-se de todo conveniente ligar o valor edificado ao valor natural, com preocupações não apenas estéticas mas também funcionais e pedagógicas, procurando recriar a história do sítio e atraindo novamente as várias gerações que por aqui passaram, bem como as gerações vindouras, sem quebrar o elo com o passado. Qualquer intervenção deve ser caracterizada pela maior simplicidade possível, evitando tudo o que interfira com o simbólico deste lugar.

### 2.3 - Análise Crítica

Perante o esquema das categorias de bens culturais elaborado pela Comissão Franceschini<sup>19</sup> (Comissão de inquérito sobre a protecção e valorização das coisas com interesse histórico, arqueológico, artístico e da paisagem, 1964-1967), a igreja de São Tiago representa um bem cultural de interesse histórico e artístico, dado que faz parte da história da civilização portuguesa.

Trata-se ainda de um documento histórico, na medida em que, sendo um objecto pertencente ao passado, testemunha inúmeras informações sobre a época a que pertence, nomeadamente sobre a concepção da arte nessa fase da história, técnicas e materiais usados na sua elaboração, vida política, crenças religiosas, etc. O monumento contém ainda informações que lhe foram sendo introduzidas com o passar dos anos e que estão relacionadas com acontecimentos e alterações de gostos, usos ou hábitos religiosos.

Com vista à protecção de todas estas informações, foram adoptadas soluções para a reabilitação da igreja de São Tiago, que assentam no princípio da reversibilidade das intervenções. No futuro, se houver a intenção de retomar o edifício ao estado em que se encontrava antes das obras, ou mesmo de se realizarem novas intervenções, será possível fazê-lo, sem que para isso sejam adulterados os testemunhos do seu passado.

Os elementos novos assumem-se como ampliações e não como “pastiche”, contrastando esteticamente com os existentes. São, portanto, distinguíveis as partes originais das partes novas, eliminando assim a falsificação.

Piero Sampaolesi refere que as intervenções de remoção não são justificadas pela presença de acrescentos, dado que estes são um testemunho histórico da vida do edifício. Contudo, apresenta uma posição antagónica ao afirmar que as demolições se justificam, quando os acrescentos não tenham nenhuma importância, por terem sido acrescentados por razões práticas, políticas ou por ignorância. Foi precisamente o que aconteceu, por exemplo, no caso

---

<sup>19</sup> “O conceito de bem cultural, cuja formulação se deveu a Comissão Franceschini, em Itália, serviu doravante para a génese da política europeia e internacional do património cultural, à qual Portugal aderiu com a assinatura de diversas convenções internacionais referentes aos diferentes aspectos do património e do património mundial, subscritas pelos ministros portugueses e homologadas pela República (Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico, 1969-1982 e sua revisão, 1992-1997; Convenção para a Protecção do Património Mundial Cultural e Natural, 1972-1979; Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa, 1985-1991, entre outras).” – (Custódio, Jorge - Lisboa, 2008)

da opção de demolir a chaminé no corpo da antiga sacristia, em que se teve em conta, para além do seu valor insignificante em termos estéticos e materiais, o facto de a sua construção se dever à ignorância dos responsáveis, que na altura permitiram aquele elemento estranho à igreja, na então casa do guarda, apenas por questões práticas.

A Conferência de Nara de 1994 concebeu um documento, na sequência do desenvolvimento da Carta de Veneza de 1964, onde refere, a respeito de valores e autenticidade, que a capacidade de aceitar esses valores atribuídos ao património, depende, em parte, do grau de fiabilidade conferido ao trabalho de levantamento de fontes e de informação<sup>20</sup>. A autenticidade é interrompida, quando surgem incertezas sobre determinada questão relacionada com o bem cultural que está a ser examinado. Assim, quanto mais rico for o levantamento, em termos de forma e desenho, materiais, substância, uso, função, tradições, técnicas, localização, espaço, espírito, sentimento e outros factores, mais perto se estará da sua verdade histórica.

A propósito de intervenção em património histórico edificado, o conceito de autenticidade, em relação ao projecto do centro interpretativo, procurou no geral ser respeitado, nomeadamente ao nível da adopção dos materiais e técnicas; da estética; da manutenção dos valores históricos associados ao monumento e da relação com o espaço envolvente.

Existem, no entanto, algumas decisões que, pelo facto de poderem interferir na procura da verdade histórica, carecem de uma reflexão mais aprofundada. É exemplo o caso da ocultação do vão que ligava a nave ao exterior, pela parte norte, através do seu revestimento com reboco e cal. Parece-nos que esta decisão não abona em busca da razão pela qual aquele vão ali existia, uma vez que uma potencial investigação futura, apenas se poderá apoiar nos documentos escritos ou fotográficos existentes.

Relativamente ao interior do edifício, o conceito de autenticidade não terá sido totalmente aplicado, ao contrário do princípio seguido nos alçados exteriores. A escolha de algumas soluções arquitectónicas, pelo facto de estarem afectadas por condicionantes, nomeadamente de conforto, além de estéticas, em relação ao novo uso do edifício, poderá “desviar” a percepção do visitante da sua função original como igreja.

---

<sup>20</sup> Parte da bibliografia actualmente existente sobre a história da igreja, é atribuída ao Dr. Banha de Andrade, historiador e local. Foi membro fundador do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, criado em 1967 com fins culturais e de protecção do património montemorense. Escreveu diversos artigos incluídos nos cadernos de história do concelho, editados pelo Grupo de Amigos e pela Academia Portuguesa de História.

O ambiente simples e austero, típico de uma igreja medieval, foi “interrompido” pela presença acentuada de luz artificial e pelos materiais de construção modernos aplicados. São exemplo o vidro liso temperado no guarda-vento da entrada (que inclui ferragens em aço inox) e na guarda de protecção, no altar-mor; a estereotomia do pavimento da nave, composto por granito amaciado e pavimento flutuante de madeira de faia, ou a alteração integral da zona do ossuário com a inclusão das instalações sanitárias, equipadas com loiças de design e materiais actuais.

A preocupação manifestada na conservação dos elementos arquitectónicos e nos materiais de construção, no exterior do edifício, procurando assim manter a sua identidade primitiva, contrasta com a atribuição de um novo uso no seu interior, assumido pela aplicação de soluções de carácter contemporâneo.

Da Carta de Atenas de 1931, a conferência internacional sobre restauro dos monumentos refere, no capítulo III das conclusões, “(...) *A Conferência recomenda, sobretudo, a supressão de toda a publicidade, de toda a presença abusiva de postes ou fios telegráficos, de toda a indústria ruidosa ou chaminés elevadas, na vizinhança dos monumentos de Arte ou de História*”. A igreja de São Tiago, estando localizada no recinto do castelo, apenas apresenta como condicionantes as próprias infra-estruturas que, na empreitada do centro interpretativo, foram incluídas como concepção por parte da empresa adjudicatária, tendo sido posteriormente sujeitas a aprovação pelo IPPAR.

Conservar bens culturais implica defendê-los da acção dos agentes físicos, químicos e biológicos que os atacam, sendo o principal objectivo, o de estender a vida útil dos materiais que compõem os elementos da obra, dando-lhes o tratamento adequado.

O restauro deve seguir no sentido do restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, sempre que seja possível, sem cometer falsificação histórica nem apagar os vestígios de sua trajectória através do tempo. Deve-se tentar encontrar os limites até aos quais se poderá intervir no monumento sem que se ponha em causa a sua verdade histórica.

Todavia esses limites não deverão constituir barreiras para o progresso e para a adaptação às exigências de cada época, porque afinal, estamos hoje a construir o passado das gerações vindouras.

## Conclusões

Estranhamente, o que em princípio seria uma decisão pacífica e até louvável, pelo cuidado posto na sua realização, acabou por revelar algumas vozes discordantes quanto ao resultado final da obra de reabilitação da igreja de São Tiago, no castelo de Montemor-o-Novo.

De uma maneira geral, chocava-os principalmente o facto de estarem perante uma imagem à qual não estavam habituados, se bem que respeitando até aos limites do possível a traça original exterior. Foram muitos os anos em que a população se confrontou com um edifício degradado e, de repente, surge-lhe a mesma igreja mas de “cara lavada”, o que de alguma forma provocou a sua perplexidade. Aliás, como qualquer outro legado cultural, iria perdendo o seu valor e o seu significado histórico se continuasse o seu processo de degradação e destruição, já que o património só é apreciado se se mantiver conservado, sob pena de ser abandonado e esquecido, tal como estava a acontecer com esta igreja e com a sua envolvente.

Deve ser sublinhado o particular cuidado posto na utilização de processos e materiais que procuraram respeitar o sistema construtivo do imóvel. A obra de reabilitação contou também com a aplicação de materiais e técnicas construtivas contemporâneas, face às necessidades de conforto, segurança e funcionalidade que se impõem nos nossos dias, mas tendo sempre como preocupação a sua reversibilidade.

Assim, e como se esperava, a resistência inicial foi ultrapassada quando até os mais críticos reconheceram que se tratava da reabilitação de um monumento classificado, cuja ausência de intervenção a curto prazo tenderia a degradá-lo irremediavelmente. Mas a classificação do imóvel, só por si não era suficiente para o conservar e valorizar. Qualquer monumento apenas pode continuar a “viver” mediante uma reorientação do seu uso ou através de um restauro integrador, como um novo espaço de musealização. É errada a ideia de sobrevalorizar o património, como se ele assegurasse o desenvolvimento cultural, económico e social, simplesmente pelo facto de existir. Se não forem desenvolvidas estratégias para a criação de um produto, neste caso turístico, integrado, com actividades complementares e acompanhado de uma boa investigação dos legados patrimoniais, dificilmente esse património irá reproduzir um aumento da procura turística.

A reabilitação arquitectónica da igreja integra assim uma nova função, na qual a história do imóvel, enquadrado com a sua localização na antiga vila medieval, não deixa de estar patente.

A função cultural do centro interpretativo interessa não só aos residentes da cidade de Montemor-o-Novo, como também aos seus visitantes, dado que nele podem encontrar um espaço pedagógico e uma fonte permanente de informação sobre a evolução da cidade.

Aliada à nova função do edifício, a recuperação e integração de toda a zona envolvente a este monumento valorizaria o investimento num espaço de atracção turística, permitindo e potenciando o desenvolvimento gradual do Programa do Castelo, no quadro da preservação e divulgação do património do concelho de Montemor-o-Novo e da região. É certo que a reintegração de todo o património existente é essencial para entender todo o conjunto edificado. Assim, a criação de uma base de suporte para o estudo de uma futura intervenção paisagística no local deve ser, a curto prazo, outro dos objectivos a atingir.

Mas a questão da conservação e valorização do monumento, da paisagem ou do sítio, não deve ser, no entanto, colocada simplesmente em termos “museológicos”, ou simplesmente de conservação dos vestígios do seu passado. Mais importante que isso, é tudo o que esses mesmos vestígios representam na cultura local e regional, na sua identidade e na memória, sobretudo dos montemorenses.

Cesare Brandi, historiador e crítico italiano, refere que o restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, em sua consistência física e em sua dupla polaridade estética e histórica, com vista à sua transmissão para o futuro.

A qualificação do recinto do castelo e em particular da igreja de São Tiago é fundamental na sua salvaguarda e representa um meio de sustentação da autenticidade. Quanto maior for a sua valorização, maior o número de objectivos que serão atingidos em termos de manutenção, consolidação, conservação e restauro.

A reconversão da igreja, representa não só um instrumento eficaz de desenvolvimento do território, como constitui um elemento potenciador de qualidade de vida, uma vez que a reabilitação do monumento levou à oferta de um novo serviço para os visitantes, inspirado na identidade deste lugar. Por outro lado, a abertura deste novo espaço vai não só ao encontro das necessidades da procura turística, ao apresentar serviços que conciliam qualidade e conservação



do património, como também às necessidades dos residentes locais, ao criar postos de trabalho, contribuindo assim no sentido de evitar o fenómeno do despovoamento na região.

Pouco importará que se tenha investido na reabilitação da igreja ou que se venha a apostar no arranjo paisagístico do local, se a injeção do capital para a construção destas infra-estruturas não trouxer benefícios para a população, nem vier dinamizar o turismo e a vida cultural da região. Porém, a importância económica e social, deve ser abordada em simultâneo e em concordância com as suas componentes (in) formativa, cultural e científica. Sem conhecimento não é possível compreender o património, e por outro lado, sem divulgação é improvável que alguém o procure, daí que, é do interesse geral que o património, e neste caso particular, o Centro Interpretativo do Castelo de Montemor-o-Novo, seja bem gerido e se aposte na sua promoção.

O italiano Roberto di Stefano afirma que restauro é o complexo das definições técnicas e científicas aplicadas para garantir, no âmbito de uma metodologia crítico-estética, a continuidade temporal da obra. Face à existência de muitas indefinições históricas, a constituição de uma equipa multidisciplinar, com a inclusão de todas as ciências e técnicas que possam contribuir para um estudo mais aprofundado do monumento, será uma forma de continuar o trabalho em busca do passado “verdadeiro”.

É necessária a elaboração de um inventário que seja mantido em permanente actualização, de modo a facilitar futuros trabalhos de conservação e restauro, e nesse sentido, esperamos que este trabalho represente uma boa contribuição para esse objectivo.

## Bibliografia

Academia Nacional de Belas Artes – *Inventário Artístico de Portugal*, Vol. 8, Lisboa, ANBA, 1975 – Distrito de Évora

AIRES-BARROS, Luís – *As rochas dos monumentos portugueses tipologias e patologias*, 2 volumes, IPPAR, Lisboa, 2001

ANDRADE, A. A. Banha de – *Breve história das Ruínas do Antigo Burgo e Concelho de Montemor-o-Novo*, Edição do Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo e de «A Defesa», Évora, 1977

APPLETON, João – *Reabilitação de Edifícios Antigos, Patologias e Tecnologias de Intervenção*, Edições Orion, Amadora, 2003

ARQUIVO DOCUMENTAL – *O Concelho de Montemor-o-Novo nas Memórias Paroquiais de 1758*, Almansor – Revista de Cultura n.º3, Edição da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1985

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.2 – Temperatura*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica pela Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa 1981

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.4.1 e I.4.2 – Precipitação*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica pela Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa 1984

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.10 – Intensidade Sísmica*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica pela Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa 1985

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.6 – Humidade do Ar*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica pela Comissão Nacional do Ambiente, Lisboa 1985

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.5.1 e I.5.2 – Geadas*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica – Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Lisboa 1986

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.3 – Radiação solar*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica – Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Lisboa 1987

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.1 – Insolação*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica – Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Lisboa 1988

ATLAS DO AMBIENTE, – *Notícia Explicativa I.7 – Vento*, Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica – Ministério do Ambiente e Recursos Naturais, Lisboa 1990

BRANCO, J. Paz – *Manual do Pedreiro* – LNEC, Lisboa, 1981

BRANDI, Cesare - *Teoria de la restauración*. Madrid: Alianza Forma, 1989.

BUCHO, Domingos - *Teoria e História da Conservação, Notas de Investigação e Textos de Apoio*, (policopiado), U.E. / Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, Évora, 2004

CARTA GEOLÓGICA de Portugal, *folha 35-D Montemor-o-Novo*, Departamento de geologia – Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa 1994

CARVALHOSA, António e ZBYSZEWSKI, G. – *Notícia explicativa da folha 35-D Montemor-o-Novo*, Instituto Geológico e Mineiro – Dep. de Geologia, Lisboa, 1994

CRUZ, Helena – “A madeira como material de construção. Durabilidade e degradação de estruturas de madeira. Avaliação e necessidades de tratamento e reforço.” – *Curso de reforço e reparação de estruturas de madeira por colagem de compósitos ou perfis de aço*, LNEC, Lisboa 2005

CUSTÓDIO, Jorge – “PP-CULT: Privatização e Mercantilização do Património: Virtualidade e limites!” - *Um debate em torno da Proposta de Lei Sobre o Regime Geral dos Bens do Domínio Público*, Padrão dos Descobrimentos, Lisboa, 27 de Novembro de 2008

DIONÍSIO, Amélia; CORREIA, Fátima; AIRES-BARROS, Luís; BASTO Maria João – “A degradação da pedra em espaços termais. O caso do Hospital Termal das Caldas da Rainha (Portugal)”, *3º Encore – Encontro Sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*, Actas Vol. 2, LNEC, Lisboa 2003

FONSECA, Jorge – “Uma Vila Alentejana no «Antigo Regime» - Aspectos Socio-Económicos de Montemor-o-Novo nos séculos XVII e XVIII”, *Almanson – Revista de Cultura*, n.º4, Edição da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1986

FONSECA, Jorge – “A Vila intra-muros de Montemor-o-Novo – contributo para o seu estudo”, *Almanson – Revista de Cultura*, n.º11, Edição da Câmara Mun. de Montemor-o-Novo, 1993

FONSECA, Jorge – *Montemor-o-Novo no Século XV*, Edição da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1998

FONSECA, Teresa – *Joaquim José Varela e a Memória Estatística Acerca da Notável Vila de Montemor-o-Novo*, Lisboa, Edições Colibri, 1997

GONÇALVES, Ana – “Novos dados sobre a vila antiga de Montemor-o-Novo”, *Almanson – Revista de Cultura*, n.º11, Edição da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1993

GONÇALVES, Teresa Diaz; RODRIGUES, José Delgado – *Rebocos para paredes antigas afectadas por sais solúveis – Patologia, princípios de funcionamento e adequabilidade*, Documentação de apoio à disciplina de Recuperação de Materiais e Edificações do Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

GONZÁLES-VARAS, Ignácio – *Conservación de Bienes Culturales. Teoría, historia, principios y normas*, 3ª edición, Madrid, Ediciones Cátedra, 2003

IPPAR – Património Arquitectónico. Balanço e perspectivas – 2000-2006, Lisboa, 2000

JORGE, Virgolino Ferreira – "A Catedral de Leiria. Contexto Histórico-Arquitectónico", em Virgolino Ferreira JORGE (coord.) e outros, *Catedral de Leiria. História e Arte*, Diocese de Leiria-Fátima, Leiria, 2005.

LOPES, Ana Sofia – *Intervenção de conservação e restauro nas pinturas murais da igreja de Santiago Montemor-o-Novo* - Relatório técnico, Lisboa 2006

MAGALHÃES, Manuela Raposo de – *A Arquitectura Paisagista, morfologia e complexidade* - Edição da Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 1994

MAGALHÃES, Manuela Raposo de – *Paisagem urbana e interface urbano-rural*, Paisagem – Editorial Estampa, 2001

MARQUES, Beatriz; MARQUES, Marco António; RODRIGUES, José Delgado - *Degradação e conservação da pedra em estruturas de alvenaria – Terminologia e conceitos petrográficos*, LNEC, Lisboa 2004

MATEUS, João Mascarenhas – *Técnicas Tradicionais de Construção de Alvenarias*, Livros Horizonte, Lisboa 2002

PEREIRA, Manuela – *Montemor-o-Novo. Castelo*, Edição da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 2004

RESENDE, Tatiana P. K. – “Escavações arqueológicas no Castelo de Montemor-o-Novo”, *Almansor – Revista de Cultura*, n.º3, Edição da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, 1985

RODRIGUES, José Delgado; COSTA Dória; Pinto, Ana Ferreira – *Estudo e avaliação do desempenho de tratamentos de conservação da pedra*, Documentação de apoio à disciplina de Recuperação de Materiais e Edificações do Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico

SILVA, Henrique Gomes da – *Monumentos Nacionais, Orientação Técnica a Seguir no seu Restauro* – Boletim da DGEMN, n.º1, Lisboa 1935

VEIGA, Maria do Rosário; TAVARES, Martha – “Características das paredes antigas. Requisitos dos revestimentos por pintura” - *Actas do Encontro A indústria das tintas no início do século XXI*, Lisboa, APTETI, Outubro de 2002.

## Índice de Ilustrações:

II. 1 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Situação anterior à intervenção</i> .....	9
II. 2 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Situação actual</i> .....	9
II. 3 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Variedade de rochas aplicada nas alvenarias da igreja</i> .....	12
II. 4 – Vista aérea do recinto do castelo de Montemor-o-Novo .....	15
II. 5 – Vista aérea da zona envolvente do castelo de Montemor-o-Novo .....	15
II. 6 – Vista aérea da cidade de Montemor-o-Novo.....	15
II. 7 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Vista actual a partir da muralha</i> .....	16
II. 8 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Foto tirada antes da intervenção, a partir da Torre da Má Hora. À esquerda, ao fundo, o Paço dos Alcaides e ao centro, o campo de tiro junto à igreja de São Tiago</i> .....	17
II. 9 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Planta da igreja e da sua envolvente antes da intervenção</i> .....	18
II. 10 – Montemor-o-Novo. Adro da igreja de São Tiago .....	19
II. 11 – Montemor-o-Novo. Rua que liga a igreja de São.....	19
II. 12 – Montemor-o-Novo. Antiga rua que ligava a Porta de Santarém à de São Tiago. Ao fundo, a Torre do Relógio.....	19
II. 13 – Montemor-o-Novo. Porta de São Tiago e Torre de São Tiago, também chamada de Torre da Má Hora. ....	19
II. 14 – Montemor-o-Novo. Composição do alçado sul da igreja de São Tiago. (Anterior à intervenção). À esquerda, vista parcial do adro e à direita observam-se as instalações sanitárias de apoio. Fotos tiradas a partir do campo de tiro. (Arquivo fotográfico da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo) .....	19
II. 15 – Vista do castelo de Montemor-o-Novo sobre a cidade (a norte). Ao fundo, o santuário de Nossa Senhora da Visitação. ....	20
II. 16 – Vista da muralha norte do castelo de Montemor-o-Novo, a partir do santuário de Nossa Senhora da Visitação.....	20
II. 17 – Vista do castelo de Montemor-o-Novo para sul.....	21
II. 18 – Vista da muralha e encosta sul do castelo de Montemor-o-Novo.....	21
II. 19 – Vista para poente a partir da zona do Paço dos Alcaides no castelo de Montemor-o-Novo.....	22
II. 20 – Vista da muralha poente do castelo de Montemor-o-Novo.....	22
II. 21 – Vista a nascente, a partir do castelo de Montemor-o-Novo. ....	23
II. 22 – Vista da muralha nascente do castelo de Montemor-o-Novo.....	23
II. 23 – Fotografia aérea da zona Sudeste do castelo de Montemor-o-Novo. Em primeiro plano, .....	24
II. 24 – Fotografia aérea da zona Ocidental do castelo de Montemor-o-Novo. Em primeiro plano, a Porta do Anjo,.....	24

II. 25 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Vista parcial</i> .....	26
II. 26 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Planta do piso térreo. Ocupação actual</i> .....	27
II. 27 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pinturas murais - Duas pinturas, das quais apenas se conseguiu identificar a da esquerda, alusiva a Santa Catarina de Alexandria - Nave, lado do Evangelho</i> .....	29
II. 28 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pinturas murais - Pintura sem identificação do seu contexto iconográfico – Nave, lado da Epístola</i> .....	29
II. 29 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pinturas murais - Três Cenas da Vida e Paixão de Cristo: a Descida da Cruz, o Calvário (ao centro) e o Ecce Homo – Paredes da capela do Senhor das Chagas</i> .....	30
II. 30 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pinturas murais - Cúpula da capela do Senhor das Chagas com diferentes símbolos do Martírio, num primeiro plano e querubins junto ao zimbório</i> .....	30
II. 31 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pinturas murais - Sobreposição de dois registos: em baixo duas figuras clericais e em cima, uma cena alusiva à vida de Santa Catarina de Siena - Pinturas situadas no lado direito da capela-mor</i> .....	31
II. 32 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pinturas murais - Martírio de Santa Bárbara. Alçado esquerdo da capela-mor</i> .....	31
II. 33 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pinturas murais - Orquestra celestial – Tecto da capela-mor</i> .....	32
II. 34 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Tecto do Baptistério – Vieira em relevo</i> .....	32
II. 35 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Capelas do Senhor das Chagas e de Nossa Senhora da Boa Morte</i> .....	33
II. 36 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Interior da igreja – Arco de acesso à antiga capela de Nossa Senhora da Graça e púlpito</i> .....	34
II. 37 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Aspecto dos pavimentos da nave</i> .....	35
II. 38 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Alçado norte</i> .....	37
II. 39 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Fachada desprovida parcialmente de reboco</i> .....	42
II. 40 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Porta emparedada no alçado norte – Vista exterior</i> .....	43
II. 41 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Porta entaipada no alçado norte – Vista interior</i> .....	44
II. 42 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Espada em esgrafito</i> .....	44
II. 43 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Portal de granito emparedado, visto do interior - (situação anterior à intervenção)</i> .....	45
II. 44 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Altars: da capela-mor, à esquerda e da capela de Nossa Senhora da Graça, à direita - (situação anterior</i>	

à intervenção).....	45
II. 45 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Corpo da antiga sacristia.</i> .....	46
II. 46 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Instalações sanitárias exteriores.</i> .....	46
II. 47 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Materiais utilizados – Alçado poente (em cima) e nascente (em baixo)</i> .....	47
II. 48 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Materiais utilizados – Alçado norte (em cima) e sul(em baixo).</i> .....	48
II. 49 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Formação de alvéolos na argamassa do reboco - (situação anterior à intervenção)</i> .....	52
II. 50 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Fachada da igreja antes da intervenção.</i> .....	53
II. 51 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Mancha, sujidade e alteração cromática - (situação anterior à intervenção).</i> .....	54
II. 52 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pormenor do parapeito da janela da capela-mor - (situação anterior à intervenção).</i> .....	55
II. 53 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Fissuração</i> .....	56
II. 54 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Separação em placas</i> .....	56
II. 55 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Eflorescência salina</i> .....	57
II. 56 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pormenor da soleira</i> .....	58
II. 57 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Gradeamento em ferro</i> .....	58
II. 58 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Aspecto da caixilharia de madeira da porta principal (situação anterior à intervenção).</i> .....	59
II. 59 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Problemas estruturais no altar-mor</i> .....	60
II. 60 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Problemas estruturais</i> .....	61
II. 61 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Vista parcial do interior</i> .....	62
II. 62 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Aspecto da abóbada junto ao coro alto</i> .....	62
II. 63 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Cobertura da igreja – (situação anterior à intervenção).</i> .....	63
II. 64 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Estado de degradação no anexo no lado norte, antes da intervenção. À direita podem-se observar os orifícios de entrega do antigo vigamento da estrutura da cobertura entretanto desaparecida</i> .....	64
II. 65 – Algumas peças recolhidas e depositadas no Convento de S. Domingos em Montemor-o-Novo.....	73
II. 66 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Portal de granito antes da intervenção (à esquerda)</i> .....	76
II. 67 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Vista da zona do arco antes da intervenção (à esquerda)</i> .....	77

II. 68 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Planta do Reforço estrutural.</i> .....	78
II. 69 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Pormenor da pregagem</i> .....	79
II. 70 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Picagem do reboco na zona de uma pintura mural.</i> .....	80
II. 71 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Injecção de fixador no suporte das pinturas.</i> .....	81
II. 72 – Montemor-o-Novo. Antiga igreja de São Tiago. <i>Vista parcial do espaço exterior em frente ao centro interpretativo.</i> .....	82
II. 73 – Montemor-o-Novo. Aspecto actual do edifício das instalações sanitárias exteriores à antiga igreja de São Tiago .....	83



**Anexos :**

**I: Mapeamento das patologias – Alçados norte e sul**

**II: Mapeamento das patologias – Alçados poente e nascente**